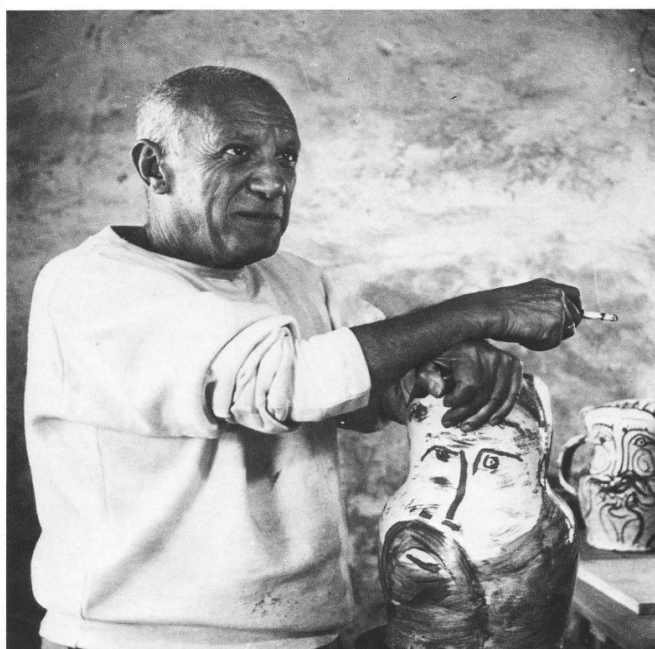


Salomão Rovedo

# SUITE

1



Picasso no seu ateliê em Vallauris  
(Foto Lipnitzki - Violett)

# PICASSO

Rio de Janeiro

2008

Salomão Rovedo

2

# SUÍTE PICASSO

(poesia)

Escrito em 1986

eBook em 2008

## ÍNDICE

1 – Suíte Vollard

(a arte-homem), pg. 5

2 – ABC de Pablo Picasso

(um cordel), pg. 52

3 – Suíte Picasso

(o homem-arte), pg. 65

4 – O Catálogo da exposição, pg. 112

5 – O autor, pg. 163

## A idéia deste livro

Entre maio e julho de 1986 realizou-se no Rio de Janeiro uma exposição das obras de Picasso, detalhada no Catálogo da Exposição, que faz parte deste trabalho (pg. 112). A exposição se transformou num feito inédito: **foi a primeira exposição de arte a atrair uma multidão de espectadores**. A importância e unidade do conjunto, cuja qualidade até hoje não foi superada, foram plenamente degustadas pelos admiradores de Picasso. Ao aderir a essa manifestação de amor, juntei o prazer de ver ao vício de escrever, com a ideia de transformar em texto a sensação imediata do **ver**, sem deixar o raciocínio interferir na escrita: era **ação e reação**. A *“esmagadora e perturbadora confrontação com o artista puro!”*

E assim fiz, mesmo tendo de absorver muitas reclamações pelo atraso da fila que se formava **toda a vez que a comoção diante da genialidade travava qualquer tentativa de escrita**. O processo de registro imediato envolve assimilar muitos erros. Tentei corrigir alguns, mas outros persistem porque mexer muito no texto seria eliminar o foco da **emoção que se formou entre a visão da obra de Picasso e a escrita imediata dessas sensações**. Por ser um momento único, não há como eliminá-lo do texto. Essa parte é a matéria-prima da **Suite Vollard**.

No interregno incluí um folheto de cordel assinado por **Sá de João Pessoa, cordelista já aposentado das lides cotidianas**. O poeta popular nasceu do convívio com cordelistas do Rio de Janeiro, primeiro nas praças e ruas, depois na Feira de São Cristóvão. Primeiro entre as figuras proeminentes de Zé Praxedes, José Duda (o velho), José João dos Santos (Azulão), Gonçalo Ferreira da Silva, Elias de Carvalho, Apolônio Alves dos Santos, Expedito Ferreira da Silva – os veteranos – para depois juntar-se a Franklin Maxado, Raimundo Silva, Marcelo Soares, Erivaldo e mais uma cambada de poetas, cantadores e xilogravadores que não deixam o cordel se finar. É o **ABC de Pablo Picasso**.

A última parte deste volume – Suíte Picasso – é apenas mais uma **tentativa de conhecer a alma** que havia – se é que havia – debaixo da **blindagem protetora arte/homem, homem/arte que o próprio Picasso erigiu** em seu redor. O texto resulta da leitura de biografias, reportagens e memórias sobre Picasso, escritos de Françoise Gilot, Jacqueline Roque, Jaime Sabartés e muitos outros textos.

Rio de Janeiro, dez. 2008.



## SUITE VOLLARD

(Vi / Vendo a exposição)

5

*“A pintura não é uma questão de sensibilidade. Devemos nos colocar no lugar da natureza, e não depender das informações que ela nos oferece”.*

*“A arte é subversiva. É qualquer coisa que não deve ser livre. A arte, como o fogo de Prometeu, deve ser roubada para servir a ordem estabelecida”.*

*“Tudo o que crio em pintura vem do mundo interior”.*

Picasso

FEMME NUE ASSISE  
ET TROIS TÊTES BARBUES

Três reis  
Três Reis Magos  
Uma mulher a meditar  
Sobre três mistérios:  
A natureza  
O propício corpo  
Resplandecente  
O saber.  
Nada diz senão que é  
– na verdade –  
O quarto mistério  
O quarto segredo.

BUSTE DE FEMME

AU CHAPEAU

Olhos de espelhos

Cacos de espelhos

O preto-e-branco do arco íris

Olhos

Arco íris da alma

Eis porque te vês assim

Tão linda

Tão arco íris

Tão preto-e-branco

Alma limpa de pecados.

FLÛTISTE

ET TROIS FEMMES NUES

O feiticeiro som

Dos diaulos

– A própria voz –

Do cântico dos magos

Repetem os maviosos

Sons acariciantes

Das sereias

– Ninfas que o mar regurgita

E ocultamente

Seqüestram

E aprisionam

Os machos

Para a lida do amor.

FEMME NUE  
DEVANT UNE STATUE

A mulher frente  
Ao espelho ancestral:  
O barro  
Após  
Antes  
Aeternae  
O mármore  
Totem de si mesma  
A mulher  
Espelho da humanidade  
Deusa  
Deidade  
Ninfa  
Mãe de barro  
Mãe do mundo.

FEMME NUE

À LA JAMBE PLICÈ

Mulher

Mais mulher do céu te vejo

Fêmea em espírito

Que o cultuar enobrece.

Mais animalesca

Da terra te sinto

Oculto detrás das mágicas linhas

Da água-forte.

Enquanto sou teu deus

Teu criador

Teu assassino

Mulher

Mais próxima do inferno te sinto.

HOMME DÈVOILANT

UNE FEMME

Desde Adão

E antes dele

O místico e o mágico

Se repetem:

O ser redescobre

Almas gêmeas

E, no entanto

Heterogêneas:

Adão é fera

Eva é santa

Pois encaminha ao temor

Do pecado.

(Variante:

... ao terror

Do pecado)

## FEMME-TORERO

A realidade é o sonho  
De liberdade  
E sempre finda por despertar  
Ou decapitar

As orelhas e a cauda:  
Quando já nada mais resta  
Senão a mortífera espada

Que a muleta esconde  
Posta de joelhos  
Sobre tribal altar.



## FEMMES SE REPOSANT

Eco

Reflexo

Paixão

De séculos

Sexos

Passados

Vindouros

Bólidos em repouso

Sanctus sanctus sanctus

Por todos os milênios

Amém.

JACQUELINE LISANT

O que aqui vês  
(Pensas que vês)  
É tão somente  
Um caixão.

Não são flores  
Nem pense que é a vida é  
Eternamente  
Febre terçã.

AU BAIN

Purificação

Santa

Águas

Batismos...

Que, entretanto,

Prepara e perfuma

Para o santo

Pecado.

## LES BAIGNEUSES

### SURPRISES

Os prazeres que as Náíades  
Encontram na carícia da água  
Juntam-se ao prazer de ver  
Desde o monolítico ser  
Que vaga hoje pelo universo  
Até o espião que freme oculto  
Espionando as misteriosas entranhas  
E a beleza perene da terra.

GARÇON ET DORMEUSE  
À LA CHANDELLE

Observo minúcias  
Em teu corpo desnudo  
Forma de tigresa  
Que em paz repousa  
Envolta em sonhos  
Dúbios matizes  
Incolores – descolores – ousam  
Servir de pano de fundo  
Ao terrível arco íris.

(Esses são os mesmos  
Caminhos escorridos  
Os mesmos que admirei).

FLUTISTE ET JEUNE FILLE  
AU TAMBOURIN

Quase amor

Quase desejo

Quase paixão.

Quase posse

Quase poder

Quase ilusão.

LE REPOS DU SCULPTEUR  
DEVANT LE PETIT TORSE (I)

O guerreiro repousa  
Como um herói fatigado.  
A obra se incorpora  
Gloriosa à família.

Não mais o mármore frio  
E sim um parente chegado.  
Intimidade de primo-ermão  
Num dia semi-sonolento.

Entra na casa qualquer dia  
E vai ficando para sempre.  
O braço fórceps descansa  
A mente se renova de esperança.

Fervilham mais de mil idéias:  
Novos surtos se anunciam.

LE REPOS DU SCULPTEUR  
DEVANT LE PETIT TORSE (II)

O braço armado  
Fere o bronze  
Fere o concreto  
Fere o mármore.  
O pulso maneja talhos...  
Hoje é dia de goivas  
Cinzéis  
Gratadores  
Ponta seca  
Compassos.  
Eis o que eterniza o escultor:  
A filha escultura  
(Antes arte e depois)  
Apenas se amam  
Eternamente  
E para sempre.



JEUNE COUPLE, L'HOMME  
AVEC UN TAMBOURIN

Figuras bem amadas  
Renascidas almas gregas  
As cabeças coroadas  
De flores e ouropéis.

Ao som do amor  
A dois  
O comum amor.

## GRAND TÊTE

Deixas dúvidas

Querida

Se devo amar-te

Querida

Ou odiar-te

Querida

(Esse olhar

Espelho

Acusador

Terrível

Fere e reflete

As culpas

De dentro

Mais dentro

Querida).

LE VIOL SUR  
LE FENÊTRE

O Sátiro  
Viola  
A Fêmea

(Ou  
A Fêmea  
Viola  
O  
Sátiro?)

MINOTAURE

VAINCU (I)

Que ódios despertam

Este ser animal

Meio homem meio mito

Vítrea persona?!

Que ódios fazem-no

O predador?!

Madalena! Madalena!

Ergue-me nesta cruz!...

MINOTAURE

VAINCU (II)

Quem sou

Senão

Vós mesmos?

Meio-ser

Meio-mistério

Meio-vivo

Quase morto.

Eis outra metade homem

Sofrida

Eis outra metade animal.

Bicho ao qual ninguém

Nutre minúsculo sentimento

Nem mesmo piedade...

(Os olhos piadosos

Não vos dizem

Nada?)

MINOTAURE

MOURRANT (I)

Assim meio isso

Assim meio aquilo

Eis-me abatido

Deflorado

Ofendido

Acariciado

Nos braços ternos

Insaciáveis

Das fêmeas

Perdidas.

MINOTAURE

MOURRANT (II)

Quando a miraculosa mão

Tocar o corpo exangue

O milagre da ressurreição

Vai se repetir.

Não serei alma bipartida

Mas o Ser Uno

Do milagre eterno.

Aquele do qual

Se preocupam

Todas as deidades.

MINOTAURE AVEUGLE GUIDÉ  
PAR UNE FILLETTE DANS LA NUIT (I)

O rei da noite

Uiva louvores

Ao Minotauro

(Monstro / Ser

Que em nós

Vigila e dormita)

E trespassa o silêncio

Que nem as entranhas

Entendem.

(Variante:

Que nem as estrelas

Entendem).



MINOTAURE AVEUGLE GUIDÉ  
PAR UNE FILLETTE DANS LA NUIT (II)

Passa em paz

M I n u a n o

Não perturba o torpor

Lânguido e sexual

Que ora desfrutamos

Na perenidade

Do breve momento.

LE DÉJEUNER  
SUR L'HERBE (I)

São amantes saciados.

São amantes que matam  
A fome de desejos

Não saciados à noite.  
São amantes que inauguram  
O sol do dia com confeitos  
De amor.

São amantes que turvam  
O clarão da alvorada  
Com manchas disformes  
Dos lençóis herdados  
Das noites claras.

LE DÉJEUNER  
SUR L'HERBE (II)

Sobre o carpete  
Colchão de grama  
Amantes alimentam  
Outras fomes  
Outras sedes  
Que só o prazer  
Pode causar:

(A brisa  
Ainda retém  
Lave aroma  
De amor).

MINOTAURE ET FEMME  
DERRIERE UM RIDEAU (I)

Tal um novo Cristo  
Saído do túmulo  
Ressurreto  
Eis o homem bicho  
Cognominado *AntiCristo*  
Acolhido entre os seios  
De alguém que o entende  
E também ama.

Igual um novo Deus  
Saído da escuridão  
O meio-homem / meio-animal  
Autodenominado *AntiDeus*  
É aconchegado nos braços  
Do explosivo ser  
Que o idolatra  
Como um cego.

MINOTAURE ET FEMME  
DERRIERE UM RIDEAU (II)

A mulher é Ave  
Que dela origina o corpo  
Primitivo.

O milenar dilema se resolve:  
A fêmea nasceu primeiro  
Andrógena.

E pariu todos os homens  
Que inventaram os deuses  
E escravizaram o pai do primeiro sopro.

Ficaram com a vida terrena  
– Mas não com a eternidade.

MINOTAURE ENDORMI  
CONTEMPLÉ PAR UNE FEMME

A besta-fera  
O oposto do homem  
(Homem em repouso).

Só assim a Ele iguala:  
Ele morto  
(A mulher contempla  
O derrotado  
Conquistador).

## SCENE BADRIQUE AU MINOTAURE

Quando os mitos eram  
Mortais e animais  
Quando os deuses ambicionavam  
Os terrenos poderes  
Usavam a destruição para possuí-los  
Surgiu afinal este homem/animal  
Feito à imagem e semelhança  
De um Deus  
Para detê-los.

Deuses mitos  
Homens animais  
Extraíram do exemplo o motivo  
Sentimental para viverem  
Assassinando uns aos outros  
Todos os dias  
Todas as horas  
Todos os séculos.

LE REPOS DU SCULPTEUR  
DEVANT UN CENTAURE ET UNE FEMME

Quando o retratado  
E o retrato  
São similares.

Quando o próprio Deus  
É semelhança...

Quando é vice-verso  
É o vice-verso.

Vício – Verso – Livre  
Vive – Verbo – Livro.



REMBRANDT  
ET FEMME AU VOILE

Não Rembrant  
Nem Balzac  
Ressurretos do nada.

Mas a mulher  
(As mulheres)  
Elas – Elas sim.

Dominam com singeleza  
Gesto que se não esconde  
O olhar curioso.

Erotismo que perpassa  
Todo o vasto espaço  
Como finíssimo véu.

REMBRANDT  
ET TÊTES DE FEMME

As cabeças  
Como estrelas  
São em verdade  
Distração.

Para que o viandante  
Não perceba  
As tetas que belas  
Assustaram.

O velho pintor  
Dos seios foi retratista  
Ou mesmo romancista

(Ou mesmo um escritor).

REMBRANDT  
ET DEUX FEMMES

O véu de flores  
O colar de pedras  
O corpo de mármore  
Ex-carne.

(Nada perturba o repouso  
Daquelas simples figuras  
Eternizadas em aconchego  
Em um quarto singelo).

Nem mesmo os fantasmas  
De Rembrandt ou Balzac  
As assustam pelas janelas.

## PIQUE (I)

Na arena da vida  
Nem mesmo o miúra  
É tão selvagem.

Touro  
Cavalo  
Picador  
Pescaram  
Na escola  
Da vida.

Na arena só ela  
– A platéia –  
É invisível  
É selvagem!

## PIQUE (II)

Ora o touro investe  
Sem saber que o Destino  
Reserva-lhe *una mala suerte*.

Olé! Picador! Tens poder  
De fustigar e fugir e fustigar  
Faz do miúra um irmão do ódio...

Olé! Picador! Onde tua glória?

### PIQUE (III)

O populacho

Brada:

– Olé!

O touro ignora

As razões

Da euforia.

E baila ao som

Da girândola

De vozes e olés!

## PIQUE (IV)

Na arena

(arenas romanas)

Somente o touro

Com o olhar cego e puro

Demonstra perplexidade

Ante o inimigo

Que não escolheu.

Nas arenas

Como nas guerras...

PETITE TÊTE DE  
FEMME COURONÉE (I)

As flores  
Sim as flores  
Só as flores  
Só as benditas  
Só as santas  
Só as flores  
São capazes de coroar  
Teu rosto esfacelado  
A cabeleira encapelada  
As ondas revoltas  
E esses tais olhos  
De duplicado ódio  
Olhos mortais  
Que miram como fuzis.



PETITE TÊTE DE  
FEMME COURONÉE (II)

E porque as flores se repetem  
Sim, claro, as flores solitárias  
As flores e mais nada sobressai  
As abençoadas flores em cor  
As benditas flores perfumadas  
Só as flores são suficientes  
Para contentar teus lábios  
Crispados de um ódio vão  
À espera que um tênue  
Sorriso desfaça a tensão  
Que não, que não vem não.

Só as flores  
Sim elas as flores  
Solitárias em cores  
Desumanas em perfumes...

FEMME COUCHÉ  
ET GUITARISTE (I)

Ao som das cordas  
de aço

Dedilhados nervos  
à flor da pele

Nervos que à noite  
dedilhei

Agora repousam  
fatigados

Abatidos como soldados  
na guerra.

Enquanto os nervos  
dedilho  
gemidos  
gritinhos  
sussurros  
urros.

FEMME COUCHÉ  
ET GUITARISTE (II)

Ora teus enleios

corri

Ora teus seios

percorri

Canais

Rios

perpassei

Águas cristalinas

bebi.

Antes que o porto

acolhesse

Nossos corpos

despedaçados

destroçados

amados.

## GRAND NU DE FEMME (I)

Selvagem gitana

Cigana que baila

Ao som de invisíveis castanholas.

Navega gitana

O mar cigano

De ondas ansiosas.

Arfando desejos

O peito flutua

Sob nuvens gitanas.

As vagas ondulam

Como ancas ciganas

Baila, baila gitana.

Ao som de guitarras

Em longínquas selvas

Baila cigana selvagem.

## GRAND NU DE FEMME (II)

(Pálido diante do quadro  
ouço as batidas ritmadas  
dos saltos da bailarina  
sobre o *tablado* acústico).

(Tremo e ouço os gritos  
de *olé!* – o estalido das mãos  
em palma contraste e eco  
em ritual frenético).

(Essência a guitarra se ouve  
trêmula ante o peso curvada  
dos dedos agilíssimos que saltam  
antes que a visão perceba algo).

## MODÈLE ET ESCULPTURE SURREALISTE (I)

que forma perfeita  
a que nasce antes do nascer.

o contemplar embevecido  
elementos que compõem  
o lírico sentimento  
anti-natural.

objetos de formas heterodoxas  
traduzem complexidade  
ou criação sensorial.

que forma perfeita  
aquela que nasce antes.

## MODÈLE ET ESCULPTURE SURREALISTE (II)

Enquanto forma irreal  
o corpo – o nu – que  
deforma perfeitamente  
modela todo o espaço  
livre de preconceitos  
libertada dos conceitos  
sobre a criação humana.

(Crueldade inulta  
que arde  
na pele do artista).

## ABC DE PABLO PICASSO

(Na onda do cordel)

52

*“Todo poeta, todo artista, é um ser anti-social”.*

*“O que é, de fato, a beleza? A beleza não existe”.*

*“A vida tem que continuar – e a vida somos nós”.*

Picasso



## Artista como Picasso

O mundo ainda não viu  
Feito têmpera de aço  
Do qual se faz o buril  
Genialidade tamanha  
Inata no Sul da Espanha  
Terra gitana e viril.

## Bem cedo já começou

A mexer com a pintura  
Ao Goya igual pintou  
Perfeitíssima figura  
Foi para a academia  
Aprender com maestria  
A retratar a natura.

## “Ciência e Caridade”

Foi sua obra acadêmica  
Longe da modernidade  
Como se fosse helênica  
O mundo não imagina  
Que o gênio vem em surdina  
E toma a forma edênica

## Depois Ele vai a Madri

A Barcelona e Paris  
Da pintura faz sua vida  
Assinando “Pablo Ruiz”  
Conhece Jacob e Soler  
Ama Fernanda Olivier  
Passa uma fase feliz.

**E**m novecentos e sete

Picasso abraça o cubismo

Com o seu amigo Braque

Atira a arte ao abismo

Eis que surge o embrião

Filho da revolução

Chamado surrealismo!

**F**oi na Galeria Vollard

A primeira individual

Agora corre em Paris

A fama internacional

A vida agitada o leva

Ao corpo amado de Eva

Uma paixão temporal.

**G**alga o sucesso e a fama

Na própria cidade-luz  
Cria cenário pra balé  
E novo amor o seduz  
Conhece a divina Olga  
Cujo dançar o empolga  
Logo ao amor o conduz.

**H**omem de muitos amigos

Cultor de todas as artes  
Cocteau e Apollinaire  
Encontra em toda parte  
E quando algum deles morre  
Somente a paixão o socorre  
Pra superar o descarte.

**I**ntimista ou notório

Picasso assim se desvela  
Os estilos se renovam  
Quando a arte se rebela  
É a vez do surrealismo  
Sepultar leve o cubismo  
Com féretro, coroa e vela!

**J**aime Sabartés seu amigo

Desde os tempos de rapaz  
Se torna seu secretário  
O artista produz em paz  
Além da litografia  
Picasso faz poesia  
E cenários teatrais.

**L**onge se houve o lamento

Dos mutilados feridos

É assim a guerra civil:

Faz dos homens uns bandidos

Irmão matando o irmão

Fome, frio e desolação

Multidão de desvalidos.

**M**ax Jacob mais que amigo

Morre num campo nazista

Picasso está revoltado

Vai ao Partido Comunista

Busca a livre consciência

Expõe na “Arte e Resistência”

Chora a Espanha franquista.

Nada demonstra o horror

De uma Nação oprimida

Um quadro que não tem cor

Mostra a expressão mais sofrida

Trágica expressão nos fica

Ver espantado o “Guernica”

Morte real e dolorida.

O pintor pinta a tragédia

Que a tragédia se anuncia

O “Massacre da Coréia”

Que Picasso em transe cria

Inspira a “Pomba da Paz”

E o prêmio Lênin da Paz

A URSS então lhe daria.

Pablo Diego José

Francisco de Paula Juan

Nepomuceno Maria

De los Remédios Ciprian

De La Santísima Trindad

Ruiz y Picasso – dá

Idéias do livre amanhã.

Quando vai Paul Éluard

Também Françoise Gilot

Jacqueline vira musa

Que no Outono encontrou

A morte de Henri Matisse

O faz meditar na velhice

– O ano 90 chegou!



Rembrandt está presente

Na arte de Pablo Picasso  
Ora aparece em gravuras  
Ocupando algum espaço  
Ora é um lindo camafeu  
Efígie de algum judeu  
Sátiro, nu, um devasso!

Sem Picasso nossa arte

Seria um rio sem fim  
Foi atacando os gregos  
Os conceitos do latim  
Mas a arte como Arte  
Nasce viva em toda parte  
Sem começo, meio e fim.

“Tenho a morte como amante

– Diz Ele em forma de queixa –

Penso nela o tempo todo

É fiel como uma gueixa

Num mundo em agitação

As mulheres vêm e vão

Mas só ela não me deixa”.

“Um quadro não deve ser

Apenas mera ilusão

A pintura nunca é prosa

Antes – é poesia, canção,

Quantas vezes num instante

Vi que o amigo é o amante

A cor azul – um furacão!”

“Vaidade das vaidades

Eu não procuro – as encontro

No fundo sou curioso

Acerca de cada sonho

Não gosto de concluir

O quadro que há de vir

De um pesadelo medonho”.

XX séculos se passaram

Para surgir um pintor

Que transmitiu para a tela

O sonho de um sofredor

Braque, Dali ou Matisse

As mulheres – que doidice

Vivem em forma de cor.

Zombeteira a morte chega

No ano de setenta e três

A impiedosa nos levou

Três Pablos de uma só vez

Casals, Neruda e Picasso

Já fazem artes no espaço

Junto a Jaime Sabartés<sup>1</sup>

~ não é letra nem nada

Mas Ele aparece aqui

Para dar o nobre Adeus

Ao gênio que conheci

Através das mil gravuras

Desenhos – óleos – pinturas

Que na exposição eu vi.

FIM

## SUÍTE PICASSO

(Conhecendo o homem-arte)

65

*“O amor é um rio que corre naturalmente de uma geração para outra”.*

*“Sou como um rio que continua a correr e que arrasta nas suas águas as árvores arrancadas pela correnteza, cães mortos, resíduos de toda a espécie e os miasmas que neles proliferam. Arrasto tudo isso e continuo”.*

*“O presente é sempre mais importante do que o passado”.*

Picasso

1.

O não é o sim

Mais absoluto.

O começo, o fim,

O concordar corrupto.

Não – é pureza total:

Como parte da tragédia,

Dizer não – é normal,

Enquanto o sim é comédia.

A parte que comporta

O Destino de cada um,

Limita-se a compor ta-

Natos na alma mais comum.

2.

Sofre a Natureza

Com cada ser eliminado.

Fica o ente adaptado

Morre a dor, a fraqueza.

Então a vida contínua

Representa por nós.

A luta prossegue a sós

Com o testemunho da Lua.

3.

Morre a cor.

Morre o traço.

Na tela a Natureza roubada

Por quem é seu profeta.

Natureza, Natureza,

Eu sou a Natureza.

Da minh'alma flui o limo

Que alimenta a criação.



4.

Não se deve ter medo  
De inventar a criação.  
Eis o porquê do Criador  
Ter inventado o Universo  
Em singelos sete dias:  
Livre da pressão e censura  
Que cerceiam a criação.  
Livre de conceitos e clausura  
Que limitam a invenção.  
Livre de todos e tudo  
Ele pôde enfim transpor  
Para a tela do Universo  
Seu Universo interior...

5.

O velho de barba

A esfinge

Só o gênio saberá

De onde saiu o ancião

Que anjo livre perpassa

Entre quadros e figuras

Devorando, espionando

Possuindo ninfas, náiades

Modelos de pele alva

Cujos corpos sensuais exalam

Sexualidade e lassidão.

Será Ele mesmo?

O Sátiro que devora as virgens todas?

As virgens do mundo?

6.

Antes de selar  
o seu Destino

Selar um pacto  
com a alma.

Ser o seu próprio Destino  
Questão de fatalismo.

Pactuar com a vida  
e a morte

Compactuar com  
a Arte.

7.

Com o fogo de Prometeu  
Roubar a arte das grades.

Libertar a arte dos grilhões  
Do conformismo servil.

Servir contra o estabelecido  
Sempre contra, sempre contra.

E eternamente contra a arte  
A arte deve ser a arte.

8.

– E o que é a beleza?

Existe? Não existe?

– A beleza deve ser como?

A liberdade de expressão?

\*\*\*\*\*

– Devemos nos apossar dela

Mesmo com violência.

– Não é jamais uma coisa

Conseguida grátis.

9.

A pintura,  
Ah, a pintura  
Não é uma bolsa  
Que se pode carregar  
A tiracolo  
Cheia de objetos  
Inanimados  
Úteis e inúteis:  
Pente grampo  
Batom lápis  
Velhas cartas  
De amor e de ódio  
Chaves de portas  
Camisinhas  
Lixa de unhas  
Pílulas  
E fotos desbotadas.

10.

É Deus o ser barbudo que me segue.

Tenho plena certeza – é Deus.

Esse ser de barbas encaracoladas

Que me espreita e persegue é Deus.

Por deus! Só pode ser Ele que me segue

Porque sabe que não creio em Deus.

Ele sabe que não acredito n'Ele.

Ele treme porque não creio na Sua existência.

Não pode me convencer a segui-Lo.

Por isso me perturba a barba em caracol

A me espreitar serpenteante e cruel.

11.

O amor é como um rio  
Que corre naturalmente  
De uma geração  
Para outra geração.

As suas águas claras  
Nunca são as mesmas  
As margens barrentas  
Nunca são as mesmas  
Os leitos de areia branca  
Nunca são os mesmos.

O próprio rio  
É sempre um novo rio  
Ao seu olhar.

– Assim como o amor.



12.

O pintor tem um mundo

Oculto

Cabalístico

Com Ele deve permanecer

Juntos para transcender

Os limites turvos da razão

A censura da consciência

As amarras dos sonhos.

13.

Nas ruas de Amsterdam

Vitrines expõem

Jovens mulheres.

Circo da vida.

Círculo da vida.

Painel gigante que Deus

Jamais admiraria

Naquele sétimo dia

A descansar sob a sombra

De uma mangueira.

14.

Deusas ou prostitutas

Quem consegue entender as mulheres?

Putas e Sereias estão sempre aí

Acolhendo de peito aberto

Coração à mostra.

Aventureiras

Piratas que ousam tudo violar

Para gozar o calor

Para sorver o odor

Que exala do coração

Cravado no delta servil

Que ferve entre as pernas.

15.

O que parece caos  
É a ordem universal.

Da arte se completam  
O traço, a cor, o barro.

Litogravura, linóleogravura  
Até mesmo a collage.

O painel, o cenário, o cartaz  
De cinema remetem à mesma idéia.

Ao observador quando então  
Desaparecem as fronteiras.

O que parece caos  
É a arte e a beleza.

16.

Lá está de novo

A perseguir o visitante

O vulto das sereias

Feiticeiras.

– Ninguém consegue se livrar.

Daicho, Demo,

Vôte, Arrenego!

Tudo refugo mas não ousa

Deles de afastar.

Atraído como um clipe

No círculo infernal

De milhões de ímãs.

17.

Devasso

Em devaneio

Perdido

Entre coxas

Mundos afetados

Libertinos almejos

Gentis remuneradas

Que nem os olhos do passado

Oferecidos, ofertados

Conseguem recolher.

Se existes

Mulher

Entre tuas pernas

Vou redescobrir

O Mundo.

18.

Estou aqui pintor  
Que pinta a mulher  
Que pinta os olhos  
Que pinta o espelho.

Eis-me aqui poeta  
Que descreve o nu  
Que desnuda o nu  
Que reflete o espelho.

Este aqui – mortal  
A varar o século  
Como o gratador  
Eviscera o metal

– Para a eternidade.

19.

Retratos que vou lendo  
Fotos gravadas há tempos  
São os duendes saídos  
Dos segredos da mente  
Para a brancura do papel.

Perseguem-me.

Perscrutando egos  
Escravagistas  
Abomináveis egos  
Almas egotistas  
Que aprisionam  
E no espelho d'alma  
Vejo desvendadas.



20.

Presente entre pessoas  
Que circulam enfeitiçadas  
Pelas gravuras e telas.

Pinturas que perturbam  
O espírito liberto  
Mas excitam todo o corpo.

Como duendes que pairam  
Para mais além do bem  
Para mais além do mal.

21.

Devo cumprir as dívidas

Como as senhoras de negro:

Carpideiras da dor alheia

Lamentam com lágrimas reais

O sofrimento de tudo e todos

Os perdidos para a eternidade.

22.

É a forma – é o fuso

É a roda que abarca

O corpo em desilusão.

Enquanto a mente deforma

Poda e vence a destreza

Sem nenhum senão.

É o fuso é a roda

É a forma que destrói

A almejada perfeição.

23.

O traço começa aonde

A mão (de) termina.

O cálculo perfeito:

Paralelas como trilhos

Os trens que se cruzam

– Destino!

Aonde o risco começa

Não tem meio nem fim.

O cálculo não previsível

(De) Formas delineadas

(In) Convenções:

O cálculo absoluto

É o nada – não é nada.

24.

A mão que empunha o buril  
De calejados dedos e palma  
Milhares de horas a cavoucar  
Epidermes metálicas e riscar  
Os sonhos, o amor, as ilusões.

Não mais destroçando linóleo  
A recompor – compor a vida.

25.

A mente calva

Parcos cabelos em cãs

Volteando as têmeoras

A mente revolta

Cria recria coisas

Sempre novas

Sempre crianças

– Como o garoto

que desenha

a parede

com giz.

26.

Receio abrir minh'alma

Desacampada

Com pavor de ser

Definitivo

Cativo do seu olhar

Mortífero.

Sinto-me mais distante

Mas se voltar a olhar

– Sei –

Ele estará ali

Pregado às minhas costas.

– Posso até sentir o seu hálito.

27.

Liberdade

Liberdade

Hipótese.

Desdenhada pelos artistas

O que o futuro lhes dirá?

Liberdade

Liberdade

Propósito.

As mil faces desenhadas

Em elementos futuristas.

Liberdade

Liberdade

Depósito.

– Quem hoje reconhecerá?



28.

Não tentem

Não ousem compreender

Não tentem compreender a pintura.

Antes

Antes ousem

Antes tentem compreender

Antes ousem compreender os cantos

Sonoros da passarada.

29.

O homem

É

O mistério.

Inútil

Tentar

Compreendê-lo.

*(Mistério maior*

*Amá-lo*

*Para depois*

*Enfim*

*Perdê-lo)*

30.

A mão como que sobrevive

Decepada: só.

O pintor não escolhe o traço.

Na realidade as formas se impõem

E vêm e vão como filhas

Desnaturadas desconhecidas

Cuja origem é tão anciã como a mãe Terra.

Da vida é um terrível mistério:

Animalesco

Horrível

Irritante

Incognoscível.

31.

Ei-lo de novo à espreita

Quando caminho entre as telas

Molduras – inexplicável figura

Que surge de repente luminosa

No restaurante, no correio,

Nas missas espectrais de sétimo dia

Jogando pôquer nas máquinas automáticas: vai e vem, vai e vem.

Ei-lo de novo à espreita

– Mal posso livremente andar.

32.

Terríveis anos de opressão

Defrontaram-no em combate pleno

Pela Arte

Pela Vida

Pelo Corpo

Colocaram-no em xeque

Contra a própria Alma.

33.

Pintar mentiras  
Para colher verdades.

Mesmo a felicidade  
Aonde ela se encontra?

Cerrar bem os olho  
Imaginar desenhar pintas.

Murmurar canções ao vento  
Coisas da outra infância.

34.

Nos cantos obscuros

Das telas

Molduras

Fantasmagóricas figuras

Duendes matemáticos.

(Cálculo da irracional razão impura

Do que o não calcular

Calcula).

35.

Com desenho e cor

Sempre a fustigar

O conhecimento

Do mundo.



36.

Devo cumprir as devoções.

Estou em dívida com os deuses.

Devo benzer meus paramentos.

Estou em pecado com as cores.

Devo pagar minhas obrigações.

Enquanto não expiar todos os erros

O velho barbudo me perseguirá

Cerceando meus movimentos

Embaralhando minhas cores

– Para todo o sempre.

– Para todo o sempre.

37.

Versos de rimas plásticas

Como a luminescência o íris

– Como bombas de elétrons.

Prosa trágica da catástrofe

Que vem do firmamento

– Como bombas atômicas.

38.

Homem.

Animal.

Verdadeira colônia crepuscular

Da humanidade.

Minotauros.

Sereias

Ciclopes.

Iaras.

Deuses.

Vudus.

Meros artistas iguais

Mitos do mundo

Nos quadrinhos da história.

39.

A gente toda

Vê as ilusões

Desenhadas.

Nas telas

Gravuras

Desenhos.

Óleos

Pinturas

Grafites.

A gente toda

Vê as ilusões

Rascunhadas.

40.

Tudo o que vemos  
Existe em quantidade  
Ilimitada.

Menor que doses  
Homeopáticas  
De infelicidade.

41.

Passo distante das gravuras  
Que Ele insiste em freqüentar.

Escondo-me mesmo no salão  
Entre passantes e as colunas  
Mas seus olhos me perseguem  
Me desnudado a alma.

Oculto-me entre as vozes  
E os sussurros dos visitantes  
Mas Ele persiste na vigília constante.

Cuidadosa essa presença etérea  
Maior que a violência elementar  
Do átomo – do laser – do micróbio.

42.

A realidade

Destroçada

No decurso

Da ação

O drama

Se desenrola

E por fim

Se materializa

A tela.

43.

Como uma bomba  
Que despedaça  
Corpos e pedras  
Que fragmenta aldeias  
Inteiras  
Narro o drama  
Do Universo enquanto  
O mundo caminha  
Para sua própria  
Destruição.



44.

O ser humano  
É uma colônia  
De inspiração  
Enquanto Deus  
É apenas um artista.

Como todos os demais  
Tem as mesmas ilusões  
De salvar a humanidade.

É um gênio!

Mas que necessidade  
Temos de compreender  
O que Arte quer dizer?

45.

A forma existe

Por si mesma.

Mesmo as pessoas

Acabam se parecendo.

Mais ou menos

Como os animais:

Selvagens egoístas

Insensatos mortais.

46.

(Ele quer me provar  
a sua existência santificada  
mas Ele não consegue.

Por isso me faz encontros  
inaudíveis e silenciosos  
invisíveis e negros  
como o mais negro cosmos.

Por isso está onipresente  
em todos os recantos  
nas molduras e papéis  
nas telas e gravuras  
com aquele olhar cândido  
que só Ele só Ele  
e mais ninguém  
possui).

# O Catálogo da Exposição

Picasso

113



Esta exposição foi realizada no Rio de Janeiro graças à generosa contribuição de:

- AIR FRANCE
- BANCO CIDADE DE SÃO PAULO
- BFB — BANCO FRANCÊS E BRASILEIRO S.A.
- BANCO SUDAMERIS DO BRASIL S.A.
- BANQUE PARIBAS
- BURSON-MARSTELLER
- CARREFOUR
- C.G.E.E. ALSTHOM DO BRASIL
- CIMENTOS MAUÁ E CAMPEÃO
- GRÁFICA EDITORA HAMBURG LTDA.
- HOTEL MERIDIEN
- KORRIGAN
- LORILLEUX DO BRASIL
- LOSANGO S.A.
- MECÂNICA PESADA S.A.
- INDÚSTRIA DE PAPEL SIMÃO
- QUIMIO (ROUSSEL UCLAF)
- RHODIA S.A.
- SOCIETE GENERALE e BANCO SOGERAL
- UNIÃO CONTINENTAL DE SEGUROS
- VALISERE INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA.
- VARIG

# PABLO PICASSO

115

te Volland • As Linoleogravuras • As 156 Últimas Gravuras

Textos de Roger Passeron traduzidos por  
Maguy Bodinaud, Edda Ricard e Isabel Rupaud,  
tradutoras, membros da CCIFB.

Curador Geral Camille Masrour

Uma realização da  
CÂMARA DE COMÉRCIO FRANCESA DO BRASIL

28 de maio — 06 de julho de 1986

PAÇO  IMPERIAL

PRAÇA XV  
RIO DE JANEIRO



Esta exposição é devida à iniciativa da  
CÂMARA DE COMÉRCIO FRANCESA DO BRASIL que deseja expressar  
seus muitos agradecimentos:

- ao Senhor Maurice Jardot, à Senhora Louise Leiris e à Galeria Louise Leiris de Paris que muito gentilmente cederam todas as obras desta exposição,
- à Senhora Maria Olívia Fraga, antiga Conselheira Cultural do Brasil em Paris, amiga preciosa das artes e da França,
- ao Senhor Camille Masrour, Curador Geral da Exposição, por seu empenho constante e desinteressado,
- ao Senhor Glauco Campello, e ao Senhor Suetônio Soares Valença, coordenador de projetos especiais no Paço Imperial, e à toda a equipe do Paço Imperial, que contou com o apoio técnico do M.A.M,
- ao Cônsul Geral da França no Rio de Janeiro, Senhor André Cira e ao Adido Cultural do Consulado Geral da França no Rio de Janeiro, Sr. André Jolly, que muito contribuíram para a realização da exposição,
- ao Senhor Jean-Marie Monteil, e a todos os membros da Câmara de Comércio e de Indústria Franco Brasileira de São Paulo, sem os quais a mostra não teria vindo ao Brasil,
- ao Senhor Bertrand Dussauge pela sua eficiente e permanente ajuda na organização do projeto no Rio de Janeiro.

Também desejamos agradecer à Polícia Federal e à Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, que asseguraram a proteção das obras por ocasião do transporte entre São Paulo e Rio de Janeiro e durante toda a exposição.

**JEAN-PIERRE SIMONNOT**  
Presidente da Câmara de Comércio  
Francesa do Brasil



*"Para que o quadro  
que canta e dança  
e investe  
contra o ar  
que nos perpassa  
da cabeça aos pés,  
perplexos"*

do poema "Provocações" de Edmundo Font

Raramente nos é dado apreciar uma exposição que reúne 360 dentre as mais belas obras gráficas de PICASSO. Trata-se de um acontecimento excepcional e um soberbo prefácio ao projeto "França-Brasil" o qual se constitui, talvez, no mais ambicioso programa de intercâmbio cultural jamais empreendido entre dois países amigos.

Tal acontecimento deve-se, primeiramente, à iniciativa das Câmaras de Comércio Francesas do Brasil. À Câmara de São Paulo cabe o mérito de ter sido a pioneira, montando integralmente a exposição; a Câmara do Rio de Janeiro agiu rapidamente possibilitando aos cariocas também apreciá-la, o que não estava previsto originalmente. Ambas merecem nosso reconhecimento pois não é comum que comunidades de negócios ampliem seu campo de atividades para partilhar do esforço de difusão da cultura francesa empreendido pelo Poder Público. Tal iniciativa demonstra que as Câmaras de Comércio Francesas têm consciência de que a imagem de um país no exterior não repousa apenas no seu desempenho econômico e que a criatividade artística não é a menor expressão do vigor das Nações.

Também queremos homenagear o Sr. Maurice Jardot da Galeria Louise Leiris, guardião atento e esclarecido das obras expostas e cujo espírito de mecenato permitiu que as admirássemos no Brasil. Este agradecimento se estende ao Sr. Camille Mastrour que aceitou de forma totalmente desinteressada ser, também no Rio, o Comissário Geral da exposição. Finalmente, destacamos a atuação da diretoria do Paço Imperial que não hesitou em alterar sua programação para oferecer a hospitalidade de suas magníficas salas.

Mas o anfitrião da festa é antes de tudo o próprio PICASSO: o Mestre dos anos da maturidade da "Suite Vollard", o da plenitude da força da idade das linoleogravuras e o das "156 últimas gravuras" realizadas no fértil crepúsculo de sua longa existência. Ficamos aturdidos diante da riqueza de seu universo interior, da força vital que explode numa sensualidade irrefreada sem jamais transgredir os limites do erotismo, da incrível capacidade de recriar formas, do perfeito domínio, no entanto sempre renovado, do traço.

Quão esmagadora e perturbadora é a confrontação com o artista puro!

ANDRÉ CIRA  
Cônsul Geral da França



1027  
**Le Déjeuner sur l'Herbe**  
 Gravura sobre linoleum colorido  
 13/2/62 — 53,5 x 64,5 cm



Tamanho é o gênio criativo de Picasso, a qualidade inovadora de sua obra e a quantidade de obras-primas a descobrir e amar, que a exposição ideal seria aquela que mostrasse o conjunto de sua criação, deixando ao visitante toda a liberdade para se deleitar com as peças de sua predileção.

Hoje, a nossa proposta é convidá-los para uma viagem em três tempos, num período que abrange cinquenta anos. Nosso guia é Picasso. As etapas constituem-se de longas e belas “suites” cada uma, autônoma, revela de maneira original todas as suas qualidades. Jean Cocteau dizia do Mestre que ele corria mais depressa do que a beleza. Quem corre mais depressa do que a beleza, previa ele, poderá extenuá-la e obrigá-la a acompanhar sua obra, tornando essa última longa e bela.

Reunidas pela primeira vez, cada uma das três “suites” da exposição deve ser vista como um todo. Cada uma, completa em si mesma, revela, além da cronologia, certos aspectos marcantes do gênio sedutor daquele que foi pintor, escultor, desenhista e gravador.

A comovente coerência da “Suite Vollard”, o poder narrativo, a força evocativa das imagens ilustram maravilhosamente um período de inquietação e reflexão. À respeito das quatro gravuras em que figura Rembrandt, — cuja obra gravada também é indissociável da obra pintada —, dizia Picasso: “Aconteceu um acidente com uma de minhas chapas. Pensei: está estragada, vou fazer qualquer coisa com ela. Comecei a rabiscar, Rembrandt apareceu. Gostei e continuei o trabalho”. Essas quatro chapas são consideradas o próprio exemplo da perfeição. Na “Suite Vollard”, descobrirão muitas outras obras-primas.

A Linoleogravura — processo em relevo — se aproxima da xilogravura. No entanto, Picasso não a utilizou como técnica de substituição. O costume desse gravador excepcional era dar aos processos que empregava uma dimensão particular e nova. Estimulado pelas dificuldades com as quais poderia confrontar seu gênio, sentia uma espécie de júbilo ao deparar com o obstáculo, ao superá-lo, vencê-lo, valendo-se dessas dificuldades como campo de experimentos para novas criações. A renovação que introduziu nas técnicas e a qualidade das obras que assim obteve deram à linoleogravura sua carta de nobreza. Assistindo à essa criação, o seu “marchand” Kahnweiler observava: “É diabólico! Deve prever o efeito de cada cor, pois nesta arte, não há arrependimento possível! Nem sei que nome dar a tal operação mental. Chamaria isso de “premonição pictórica”. No momento em que ataca o linóleo, adivinha ou antecipa o resultado final”. De grande formato, as linoleogravuras impressionam por seu aspecto decorativo e expressivo e se distinguem da obra gravada, aproximando-se antes da pintura. Da série de 104 linoleogravuras que verão, constam muitas obras-primas que Roger Passeron, como profundo conhecedor, comenta detalhadamente.

Como olhar as últimas 156 gravuras sem pensar no deslumbramento de fogos de artifício? É uma festa, o espetáculo alegre, satírico, da condição humana, uma alusão cheia de malícia e poesia. É a expressão de uma farsa desmesurada marcada por uma liberdade irrefreada, por provocantes fantasmas. Picasso tem noventa anos quando começa essa série que assinala o retorno e o triunfo da gravura em cobre, em preto e branco. Não dizia ele que se fosse recomeçar a sua vida apenas usaria o preto e branco? A propósito dessa série, André Malraux relata uma observação de Picasso: “Para nós Espanhóis, é só missa de manhã, tourada de tarde e bordel de noite. Tudo isso resulta em quê? em tristeza, como o Escorial. No entanto, sou um homem alegre, não é?”.

Da obra-prima que é o “Repas Frugal”, 1904, uma das peças capitais da história da gravura, criada aos vinte e três anos, à “La fête de la Patronne”, realizada cerca de setenta anos depois, Picasso insufla vida em suas formas, encadeando uma às outras, num ímpeto comparável ao redemoinho das forças da natureza.

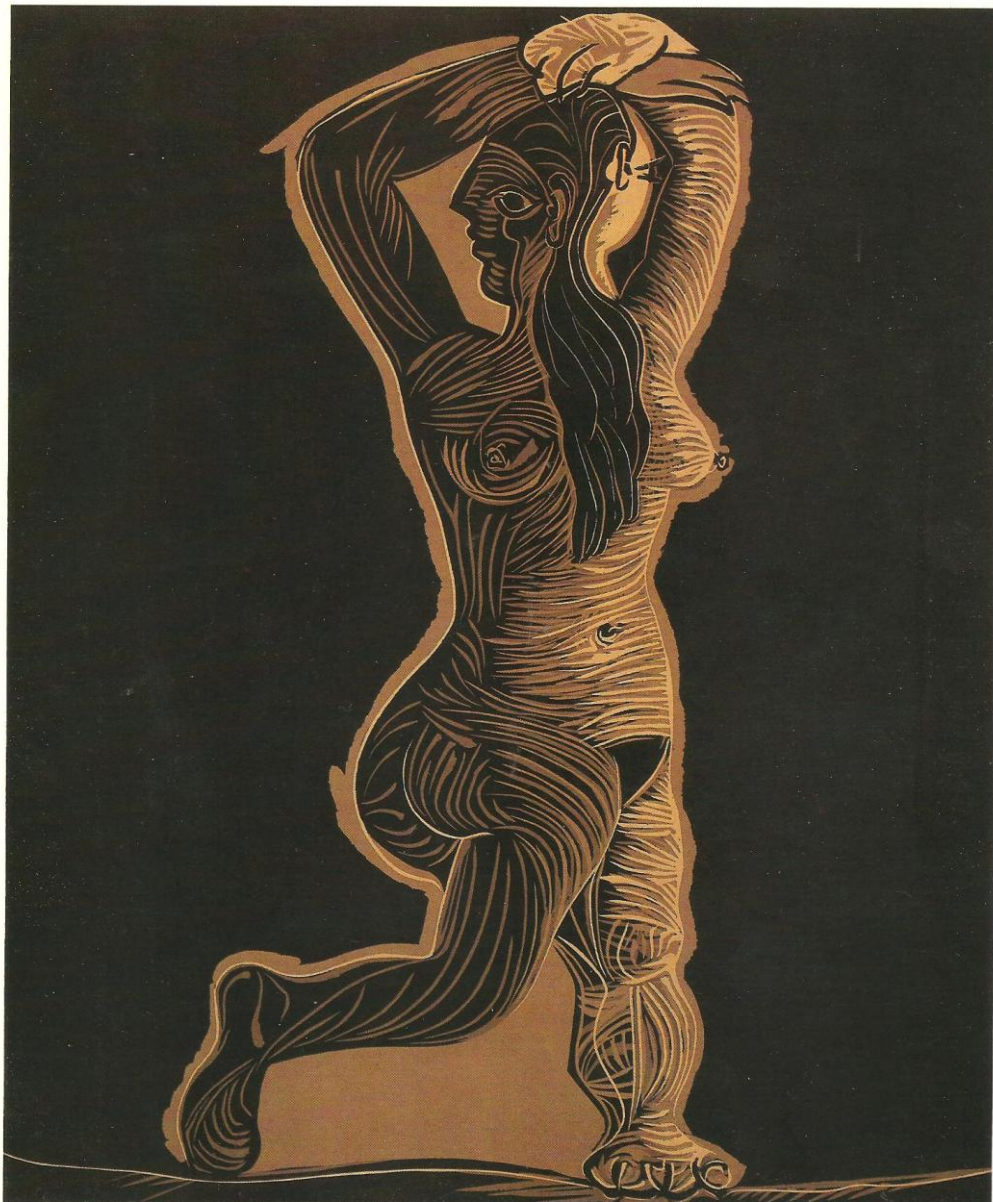
Como não homenagear todos os amigos cuja generosidade e ajuda possibilitaram esta exposição? Louise Leiris e Maurice Jardot que emprestaram as obras. As duas Câmaras de Comércio Francesas do Brasil: a de São Paulo, representada por Jean-Marie Monteil e Aymar Morandier, que proporcionou a vinda das obras e a organização da manifestação; a do Rio de Janeiro, presidida por Jean-Pierre Simonnot, que hoje apresenta a exposição na Cidade Maravilhosa, tão rica historicamente e tão presente em todos os campos da criação contemporânea. Nossos amigos da imprensa e da televisão cuja acolhida está à altura do evento. E todos os visitantes amigos, curiosos ou apaixonados a quem desejo as boas-vindas neste espaço cultural tão rico e tão significativo que é o Paço Imperial.

CAMILLE MASROUR  
Curador Geral da Exposição



911 Pique  
Gravura sobre linoleum colorido  
1959 — 53 x 64cm



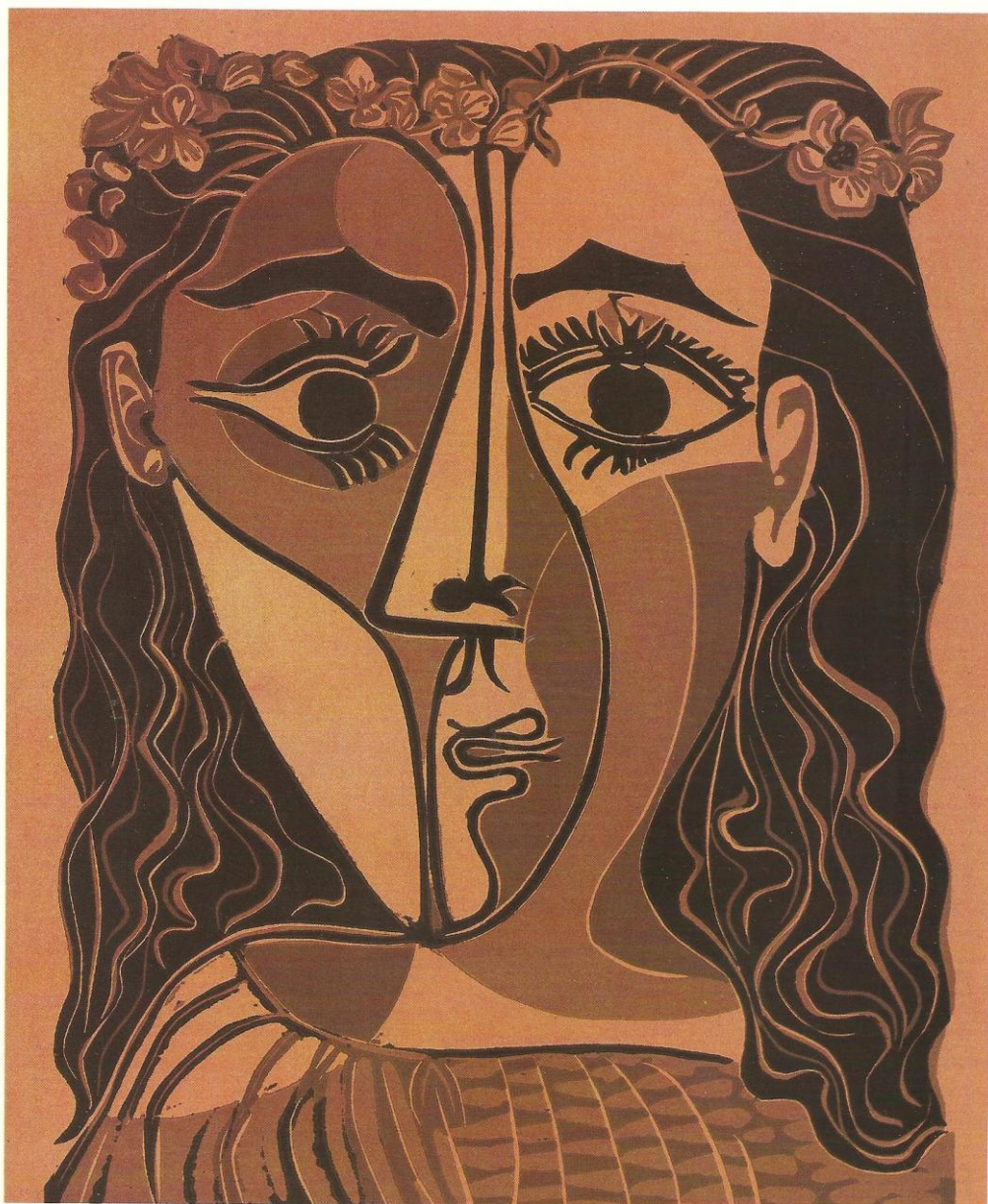


1085 **Grand Nu de Femme**  
Gravura sobre linoleum colorido  
1962 — 64 x 53cm



1072  
Buste de Femme au Chapeau  
Gravura sobre linoleum colorido  
1962 — 63,5 × 52,5cm



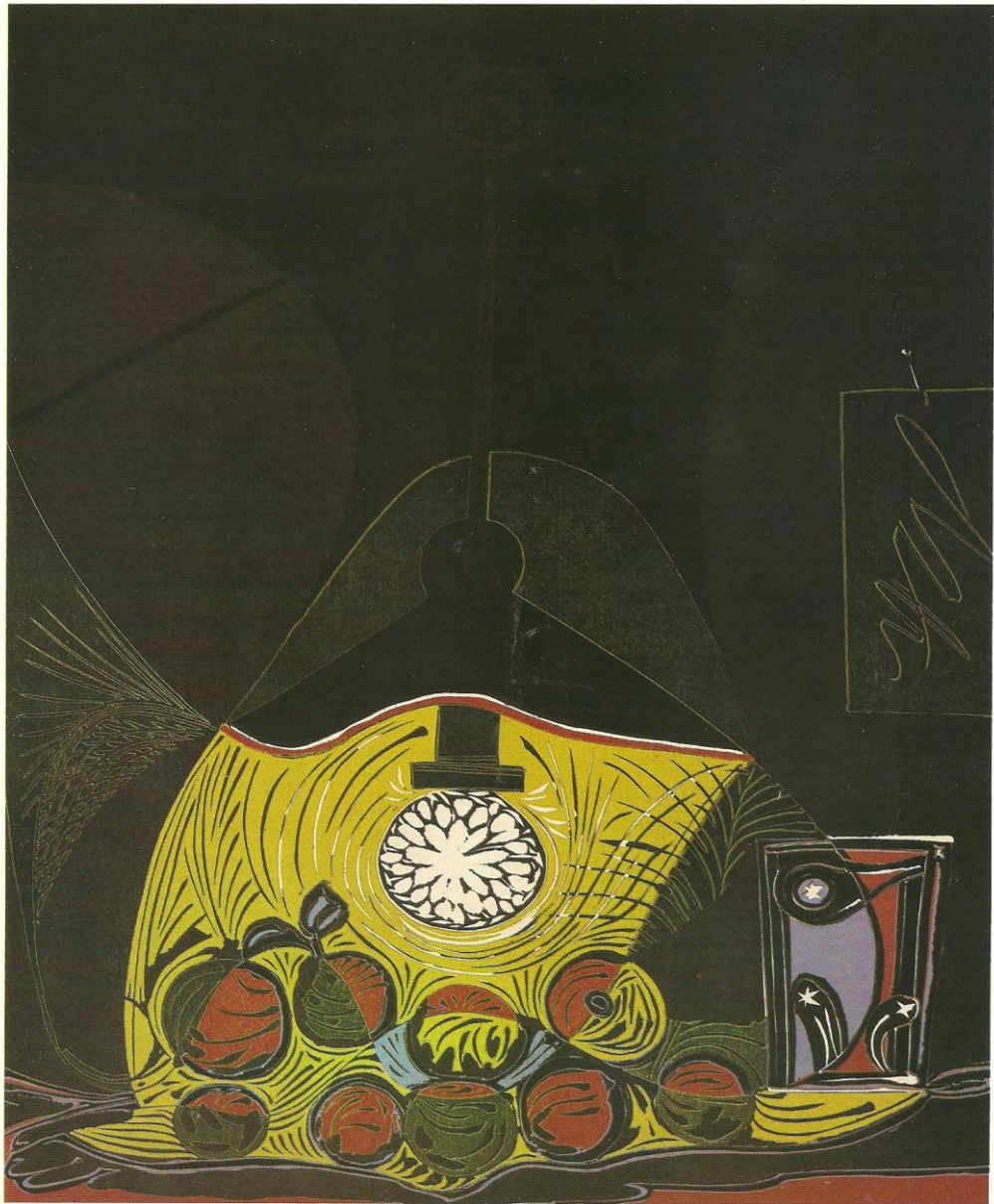


1068 Petite Tête de Femme couronnée  
Gravura sobre linoleum colorido.  
1962 — 36,5 x 30,0cm



1066  
Grande Tête  
Gravura sobre linoleum colorido  
1962 — 64 x 53cm





1102  
Nature morte sous la Lampe  
Gravura sobre linoleum colorido  
1962 — 64 x 53cm



1084  
Danae  
Gravura sobre linoleum colorido  
1962 — 27 x 35cm



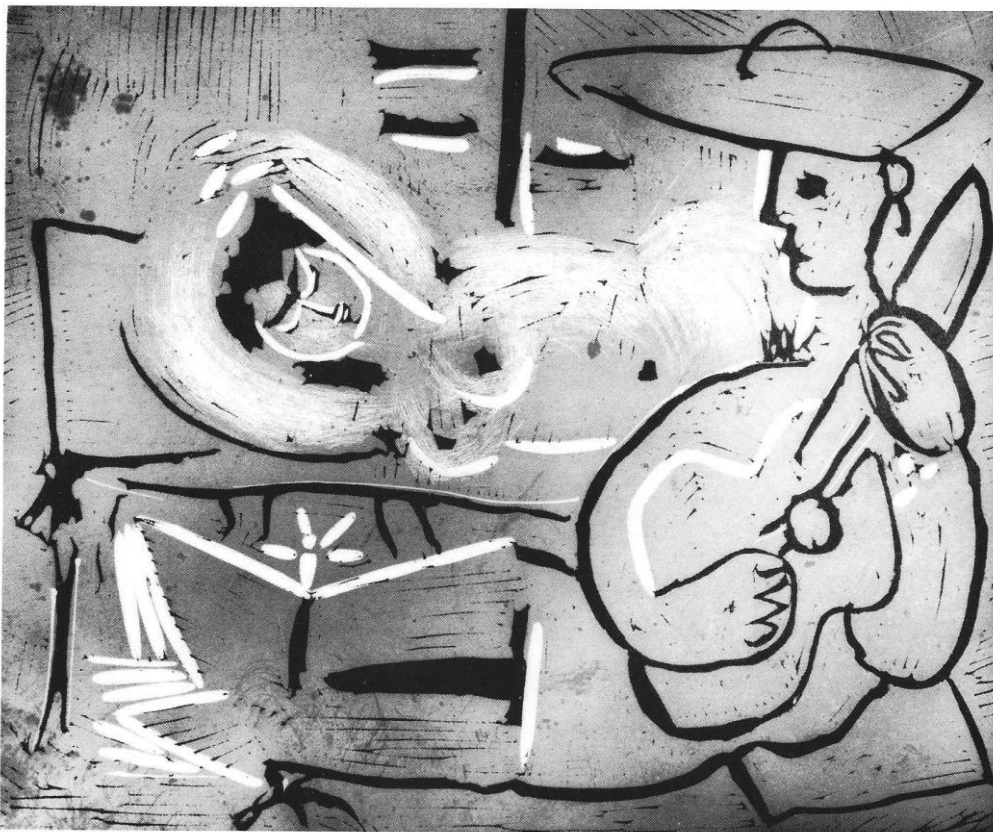
909  
Pique (Noir et Beige)  
Gravura sobre linoleum colorido  
1959 — 53 x 64cm





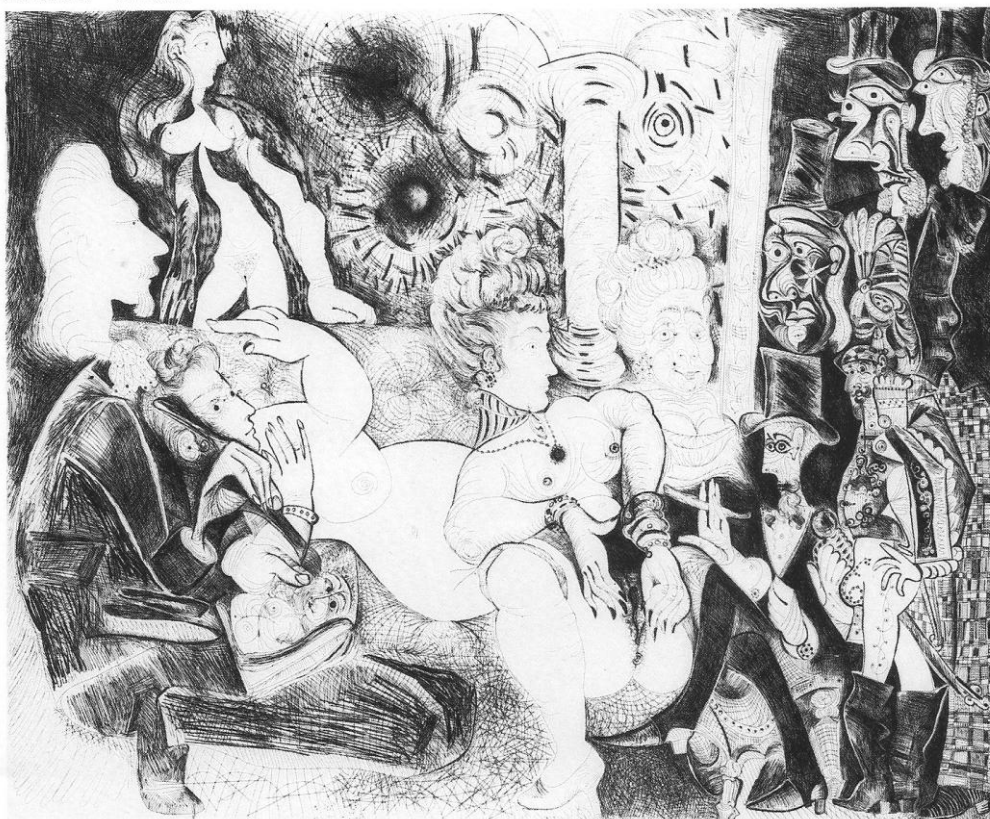
1913  
Agua-forte  
25/2/1971 — 21 x 15cm



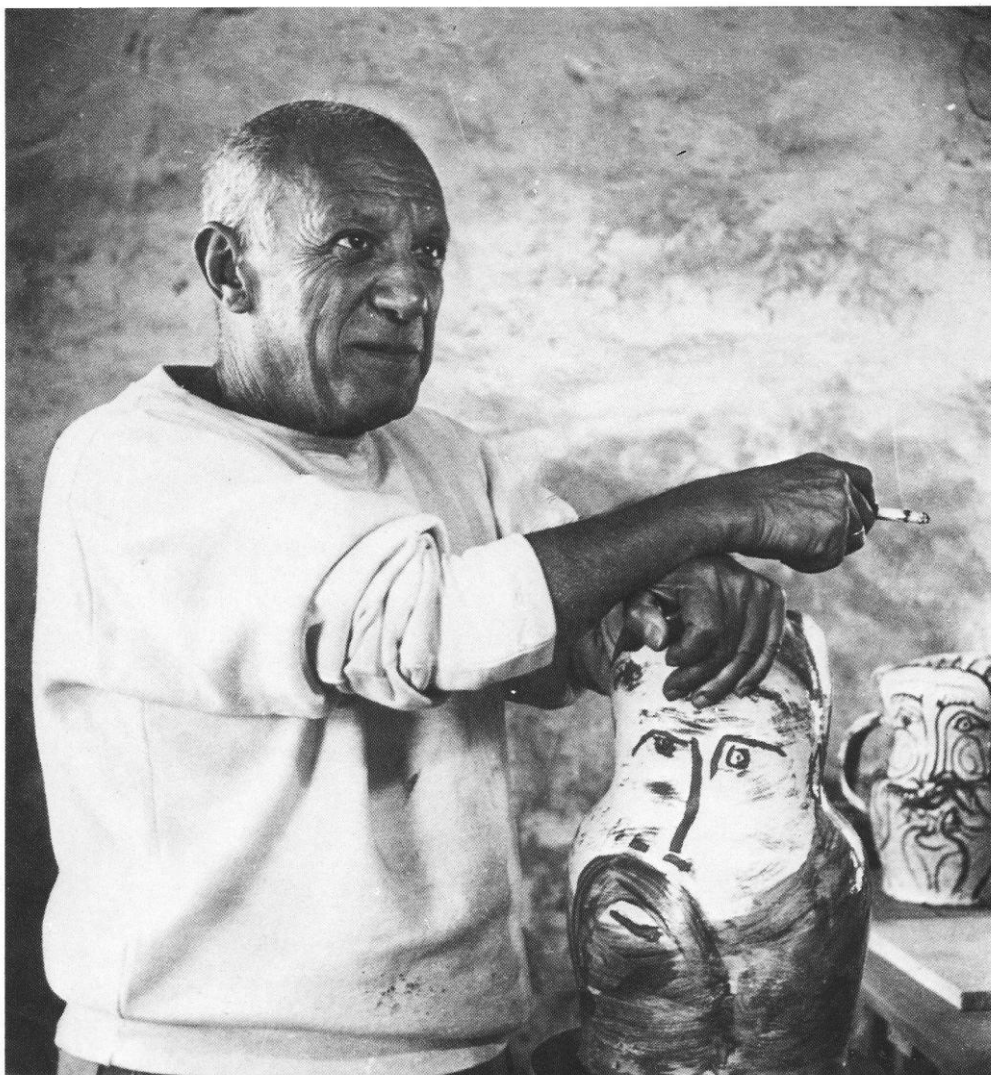


918  
Femme couchée et Guitariste  
Gravura sobre linoleum colorido  
1959 — 53 × 64cm

1871  
Água-forte  
(19/2/1970) — 51 × 64cm







Picasso no seu ateliê em Vallauris  
(Foto Lipnitzki - Viollet)

*“A gravura é um meio de expressão de grande força. Ainda que se imprimisse apenas uma prova de cada cobre, mesmo assim eu continuaria fiel a esse meio de expressão”.*

PICASSO

...Não se pode falar em um período de ouro da gravura picassiana. Se quisermos aplicar-lhe essa fórmula, que comumente caracteriza a época privilegiada da vida de um artista em que suas obras capitais mais se condensam, veremos que, para Picasso, torna-se impossível. O estudo de sua obra completa, que, durante cerca de sete décadas se desenvolveu com rara unidade, nos mostra que, embora sejam baldados os esforços para compartimentá-la, delinçiam-se em seu conjunto sete períodos capitais.

O primeiro vai de 1904 a 1906; é o período dos Saltimbancos, dominado por *Le Repas Frugal*. O segundo se estende de 1927 a 1938 (deixando-se de lado o período cubista, rico em belas peças, mas menos importante que as de Braque, Jacques Villon e Marcousis), com as seguintes obras dominantes: *La Suite Vollard*, a *Minotauromachie*, *La Femme qui Pleure* e *La Femme au Tambourin*. O terceiro, de 1945 a 1952, é o das litografias, com *La Colombe*, *Le Manteau Polonais*, *Femme Assise et Dormeuse*, *La Femme à la Résille*. O quarto, das águas-tintas, vai de 1952 a 1957, com *Vénus et Amour*, *Femme à la Fenêtre*, *Torse de Femme*, *La Chèvre*, as 26 + 2 águas-tintas da *Tauromachie*. O quinto, de 1958 a 1962, é o das linoleogravuras *Buste de Femme d'après Cranach le Jeune*, *Les Banderilles*, *Le Déjeuner sur l'Herbe*. O sexto é o das 347 gravuras de 1968. O sétimo, das 156 gravuras, estende-se de 1970 a 1972.

Esses períodos — definidos um tanto arbitrariamente — são tão ricos e tão diversos que não se pode estabelecer-lhes uma hierarquia. A esse nível, podemos apenas dar-nos ao luxo de ter preferências, baseadas em critérios de sensibilidade pessoal, sem nenhum caráter objetivo. Eu diria até que, à medida que avançamos no conhecimento da obra, as preferências iniciais se desva-



1982  
 Água-forte  
 8/4/1970 — 15 x 21cm

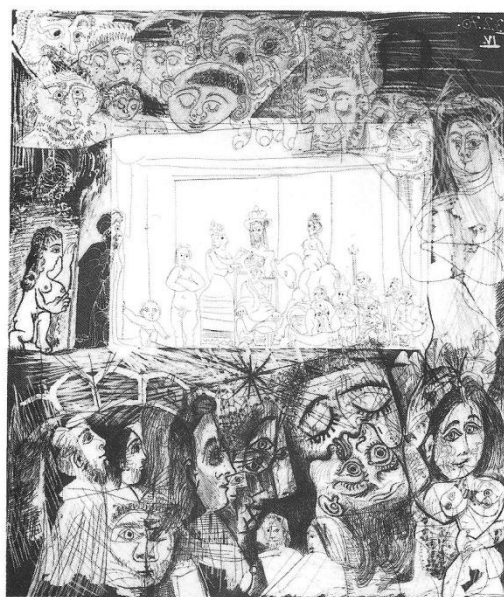
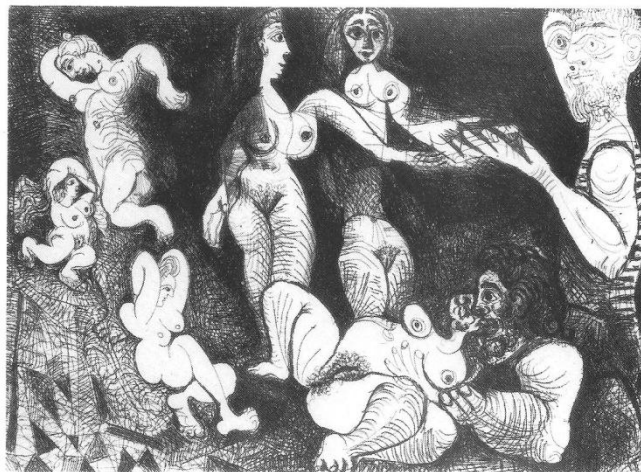
necem, os períodos se interpenetram e a unidade da obra aparece em toda sua majestade.

Os três períodos aqui apresentados pertencem aos grandes períodos acima. Reuni-los em sua integralidade — o que, creio eu, nunca havia sido realizado antes — constitui um ato de capital interesse. A *Suite Vollard* — cem pranchas — foi gravada antes da guerra civil espanhola e impressa antes da guerra de 1939-1945. As 104 linoleogravuras e as 156 gravuras foram realizadas mais tarde, durante os vinte últimos anos da vida de Picasso. Essas três séries são três monumentos da obra gravada de Picasso. Embora as técnicas e os temas variem de uma para outra, o conjunto apresenta uma unidade que o caracteriza e particulariza. Uma unidade que faz com que cada uma das 360 gravuras, embora diferente de todas as outras — e, portanto, única no caso seja parente de todas as demais, podendo ser imediatamente identificada como pertencente à obra de Picasso.

Antes de terminar esta introdução e de passar à apresentação de cada série, gostaria de esclarecer que o visitante pouco habituado à arte da gravura não deve se deixar influenciar negativamente por sua “fabricação”, por sua “manufatura”, como dizia, no século XVII, o gravador de Luís XV, rei da França. O essencial não está aí. Porque, embora indispensável na criação de gravuras, a técnica deve passar despercebida. Um ótimo técnico pode não ter gênio algum. Por que a habilidade e a destreza do artista devem fazer-nos esquecer a técnica de fabricação. Aliás, Picasso dominou as técnicas a tal ponto



1864  
 Água-forte, ponta-seca e gratador  
 31/1/1970 — 15 x 21cm



1865  
 Água-forte, água-tinta e gratador  
 3/2/1970 IV (5,6/3/1970) — 50 x 42cm

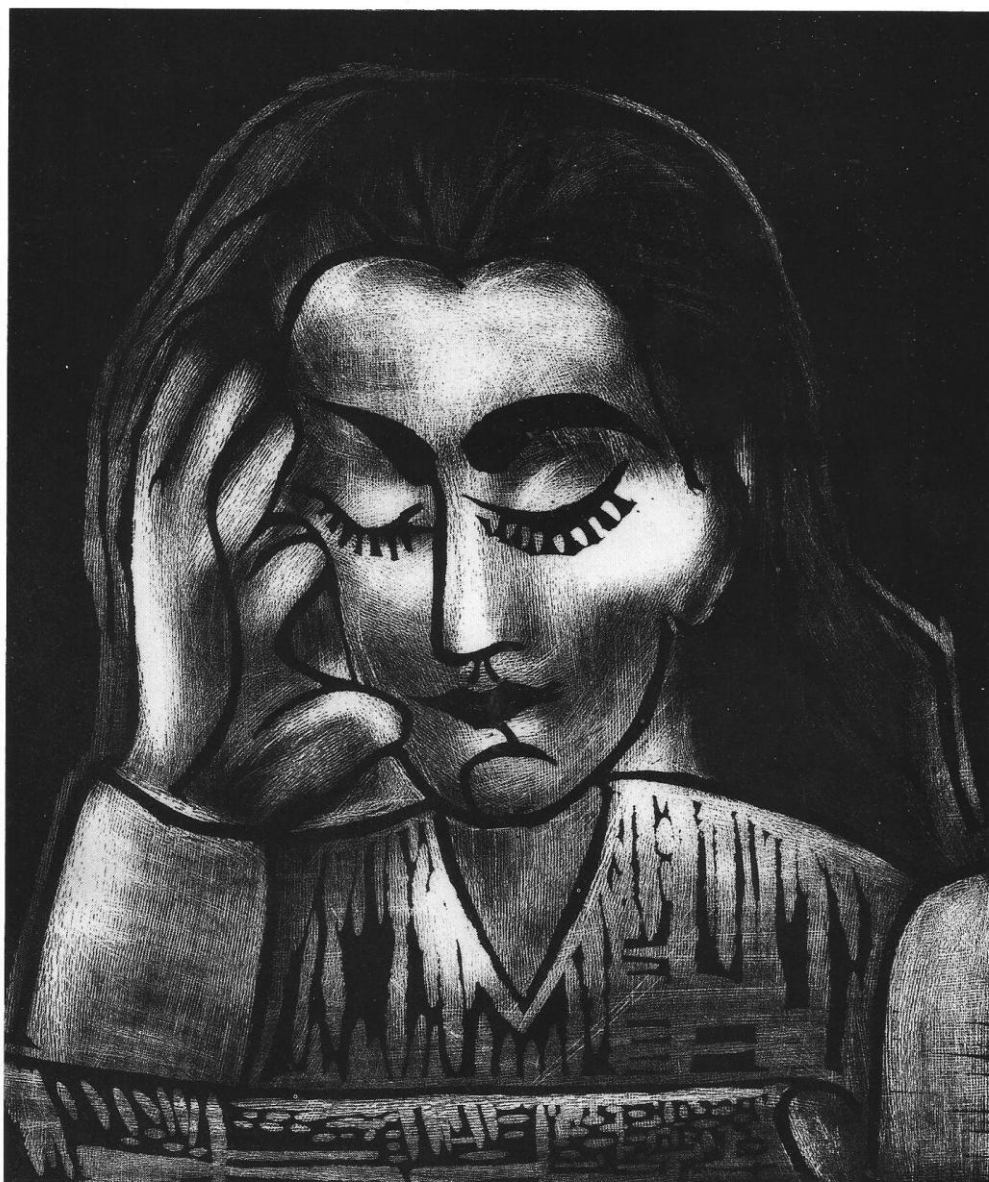




1958  
Água-forte  
30/3/1971 I — 37 x 50cm

que amadores, colecionadores, profissionais ou especialistas em pouco tempo deixam de acompanhar-lhes o desenvolvimento, perdendo-se no caminho. Muitas vezes, ao definirem uma gravura picassiana, utilizam a expressão, verdadeira porque engloba tudo, porém vaga, de “técnica compósita”.

Que importa saber se em certos cobres Picasso multiplicou as técnicas e processos para atingir seu objetivo? De fato, muitas vezes, um único cobre encerra um perfeito equilíbrio entre água-forte, a água-tinta, a ponta-seca, e até o buril ou o pincel embebido diretamente em perclorato de ferro, e os trabalhos do gratador, da lixa e da palha de aço. E o resultado é uma composição de majestoso equilíbrio entre os valores, as sombras, os efeitos noturnos e a luz, sem que isso destrua uma poesia feita de sutileza, de intimidade, de movimentos espontâneos, maravilhosamente dinâmica e impregnada de verdade e de vida. É isso o essencial. Não há dúvida de que, a título de curiosidade, é sempre interessante saber como Picasso realizou uma gravura. Interessante, mas secundário; desconhecer-lo em nada impede de receber a mensagem do artista, de admirar sua composição, seu equilíbrio, de ser penetrado pela graça e pela força de sua beleza. No entanto, o “como foi feito?” é uma pergunta que o visitante tem o direito de formular; e o faz frequentemente. Nesse caso, temos de dar-lhe uma resposta; mas quero deixar claro que esse conhecimento, superficial ou profundo, em nada aumenta a intensidade ou a profundidade da emoção recebida; ao contrário, pode até atenuá-la, por distração. Admiremos pois, sem restrições, as 360 gravuras desta exposição fascinante.



1181  
Jacqueline lisant  
Gravura sobre linoleum  
1964 — 64 x 53cm





225 Minotaure aveugle guidé par une Fillette dans la Nuit  
 Água — tinta  
 Novembro 1934 — 24,7 x 34,7 cm



226 Garçon et Dormeuse à la Chandelle  
 Água forte e água tinta  
 18/11/1934 — 23,7 x 30,0 cm

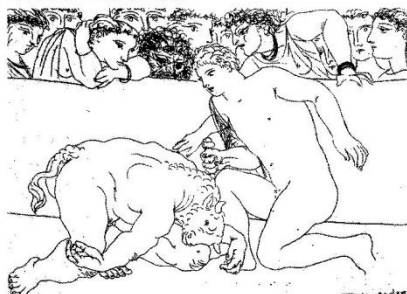
## A SUITE VOLLARD (1930-1937)

Ambroise Vollard nasceu na Ilha da Reunião em 1867, no Oceano Índico, e morreu em Paris, em consequência de um acidente automobilístico, em 22 de julho de 1939. Foi um grande marchand de quadros e um genial editor de gravuras e de livros ilustrados com estampas. Em seus escritos sobre a arte, conta como enriqueceu, interessando-se pelos maiores artistas da época, quando ainda eram malditos ou ridicularizados, tais como Cézanne, Van Gogh, Henri Rousseau — apelidado “Le Douanier” — Auguste Rodin, Maillol, Picasso, Georges Rouault, Pierre Bonnard, Edouard Vuillard.

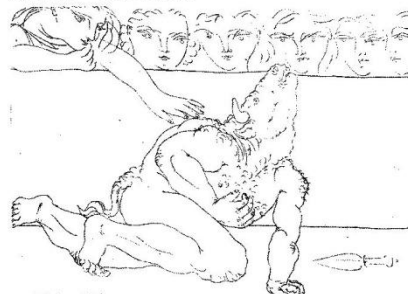
Ambroise Vollard comprou os zinhos e cobres da série *Les Saltimbanques* de Picasso, mandando imprimi-los em 1913. Divulgou-os a partir dessa data, ao mesmo tempo em que abandonava definitivamente o tratamento clássico das dezessete gravuras dessa série. Após seus períodos azul e rosa, Picasso voltou-se para a Arte Negra e criou o cubismo, com Georges Braque. Vollard deixou então de segui-lo, embora lhe tenha encomendado seu retrato em 1910; essa obra constitui, em retrato, uma das mais belas pinturas cubistas do artista. Vollard não comprou gravuras cubistas de Picasso (exceto em 1930, quando adquiriu um cobre gravado em 1914 em ambas as faces). Foi Henri Kahnweiler quem substituiu Vollard a partir do aparecimento das primeiras gravuras cubistas em 1909, editando a maior parte delas, notadamente o primeiro dos 156 livros ilustrados com gravuras de Picasso. Vollard voltou a interessar-se por Picasso em 1927, embora o artista já tivesse abandonado quase totalmente o cubismo em gravura deste 1917; comprou doze de seus cobres, aos quais um



197  
Minotaure vaincu  
Água-forte  
29/5/1933 — 19,3 x 26,9cm

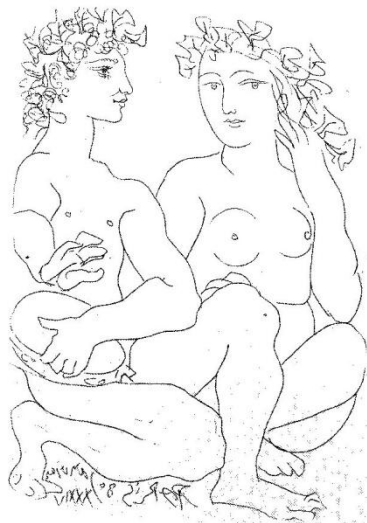


198  
Minotaure mourant  
Água-forte  
30/5/1933 — 19,6 x 26,8cm



décimo terceiro não tardou a juntar-se. De comum acordo, o artista e o editor os utilizaram para ilustrar *le Chef-d'Oeuvre Inconnu* de Balzac, publicado em 1931. Nesse mesmo ano, Vollard encomendou a Picasso ilustrações para *Le Buffon*, só iniciadas em maio de 1936 mas realizadas em... apenas um mês!, “ao ritmo de pelo menos uma água-tinta por dia”, como nos diz seu amigo e secretário Sabartés. Esse livro só foi editado em 1942, após a morte de Vollard. Em 1930, Vollard continuou comprando os cobses do artista, tanto que, no verão de 1932, já havia adquirido onze dos cobses gravados por Picasso entre setembro de 1930 e julho de 1932. Por volta de 1922, Vollard teve a idéia de pedir a Georges Rouault que gravasse cem cobses gigantes, dos quais apenas cinquenta e oito — após inúmeras vicissitudes — foram editados para *Le Miserere*. E Vollard, ainda com a idéia do número cem, voltou-se para Picasso, mas o artista, com outros projetos em mente, respondeu-lhe evasivamente. Acontece que, em torno de 1932, Picasso estava ansioso para recuperar as pinturas que havia assinado muitos anos antes e que o marchand possuía. Decidiram então fazer uma troca: as telas contra os cobses. E Picasso pôs-se a gravar. Não cem cobses, mas quase duzentos, entre 14 de março de 1933 e a primavera de 1937. Desses duzentos cobses, foram escolhidos oitenta e nove que permitiram a Vollard completar a série de cem gravuras que havia imaginado. Com seu profundo conhecimento sobre a personalidade dos artistas e sua arte, Vollard deixou a Picasso total liberdade na escolha de seus temas.

O visitante deve descobrir sozinho suas preferências; não pode ser influenciado, para que seu prazer seja ainda maior. Mas, sem dúvida alguma, acabará por concordar com a opinião mundial, unânime em afirmar que as três



212  
Jeune Couple accroupi. l'Homme avec un Tambourin  
Água-forte  
30/1/1934 — 27,8 x 19,8cm

207  
Rembrandt et Têtes de Femme  
Água-forte  
27/1/1934 — 13,9 x 20,8cm



213  
Flûtiste et Jeune Fille au Tambourin  
Água-forte  
30/1/1934 — 27,8 x 19,8cm

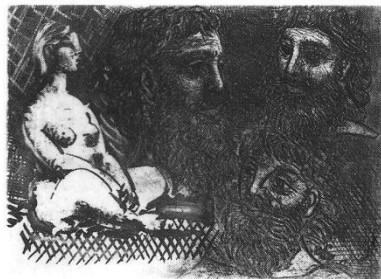


214  
Rembrandt et Femme au Voile  
Água-forte  
31/1/1934 — 27,8 x 19,8cm

215  
Rembrandt et Deux Femmes  
Água-forte e gravador  
31/1/1934 — 27,7 x 19,7cm



216  
Femme nue assise et Trois Têtes barbes  
Água-forte  
1/1934 — 13,0 x 17,9cm



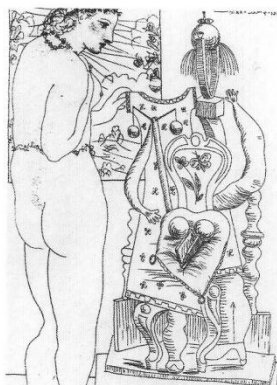
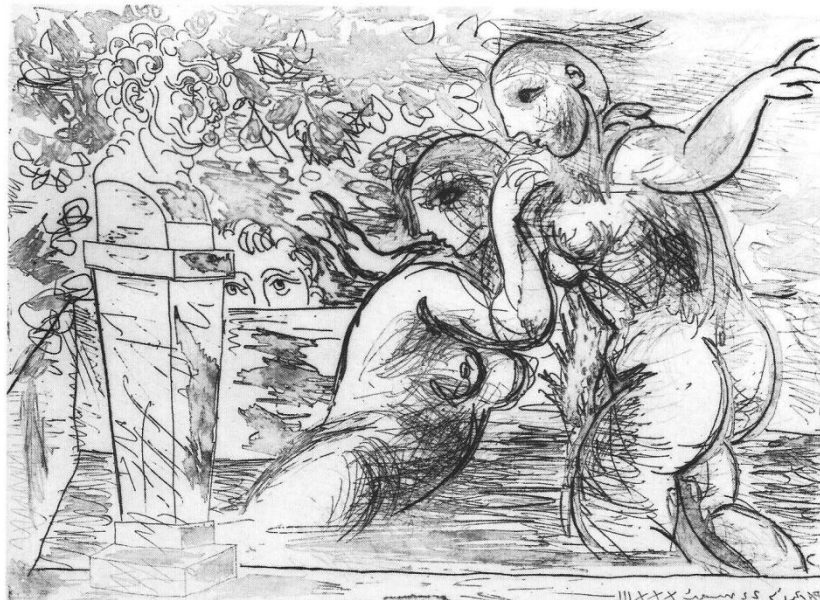
melhores pranchas da *Suite Vollard* são: *Le Faune Dévoilant une Femme*, *Le Minotaure Aveugle Guidé par une Fillette dans la Nuit* e, enfim, *Le Sculpteur Regardant son Modèle Agenouillé*.

*Le Faune Dévoilant une Femme* é uma prancha esplendidamente iluminada; a luz inunda a cena de uma alegria dionisíaca, dividindo o quarto em duas partes, ambas maravilhosas. Os tons de cinza, tanto do rosto da mulher e de seu corpo, como das paredes e do teto são de rara sutileza e contribuem substancialmente para o encanto que dela emana. Tudo nessa gravura é beleza: o puro perfil do fauno, o abandono do corpo da mulher durante o sono — desenhado em prodigiosa perspectiva. A combinação das técnicas denota magistral equilíbrio. Ao mesmo tempo desenhada (ponta e água-forte) e pintada (água-tinta com açúcar), ela constitui uma das obras-primas de Picasso; a delicadeza e a beleza de seus tons de cinza dão a verdadeira noção das qualidades pictóricas da maioria das gravuras picassianas em preto e branco.

*Le Minotaure Aveugle Guidé par une Fillette dans la Nuit*, gravura realizada à maneira negra, é também excepcional dentro da produção gravada do artista, constituindo uma das maiores da obra de Picasso. O artista partiu de um cobre atacado na superfície e em profundidade por uma água-tinta geral muito forte; em seguida, tratou seu tema retirando, raspando e polindo o cobre. Mais alguns traços de buril, mais algumas retificações com a ponta-seca e a cena resplandece, fantasticamente iluminada pela lua e por uma fogueira na parte inferior esquerda da prancha. À direita, em seu barco, os pescadores do porto de Antibes, com suas redes de sardinhas, o céu salpicado de estrelas, a moça calma de perfil puro, a pomba de asas abertas, o modelo extraordiná-



194  
Les Baigneuses surprises  
Água-forte e ponta-seca  
22/5/1933 — 19,4 x 26,8cm



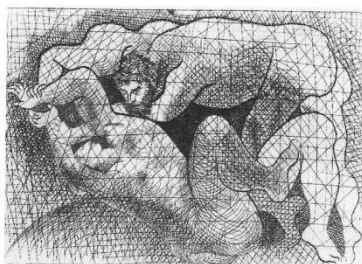
187  
Modèle et Sculpture surréaliste  
Água-forte  
4/5/1933 — 26,8 x 19,3cm



193  
Minotaure endormi contemplé par une Femme  
Água-forte  
18/5/1933 — 19,4 x 26,8cm



144  
Flûtiste et Trois Femmes nues  
Ponta-seca  
21/7/1932 — 29,8 x 36,8cm



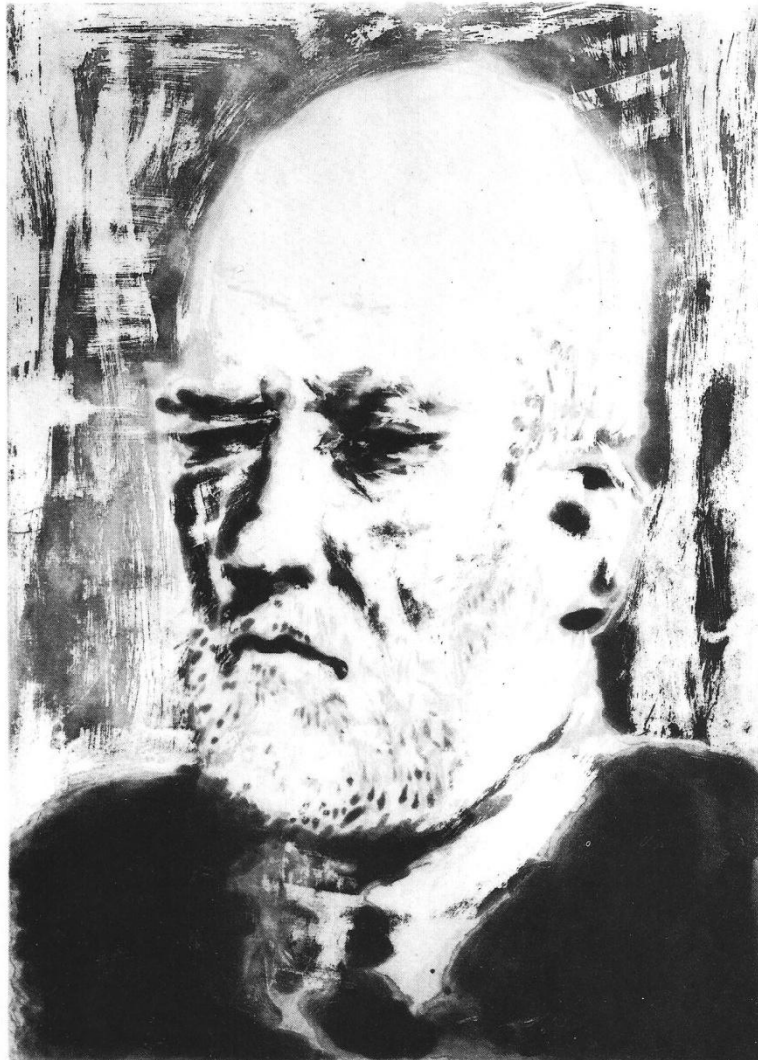
142  
Le Viol  
Água-forte  
9/7/1931 — 22,1 x 31,2cm



rio do Minotauro e a expressão do jovem, que reflete sobre essa poderosa bestialidade submissa, compõem essa gravura prodigiosa.

*Le Sculpteur Regardant son Modèle Agenouillé.* A mais bela e a mais solicitada das gravuras da *Suite* trata do tema do escultor e de seu modelo (Geiser 331 e Bloch 178) e denota qualidades gráficas inigualáveis, de altíssimo nível. A pureza do traço desse desenho impecável alia-se, de maneira inesquecível, ao clima geral de paz e reflexão. À beleza do rosto do modelo ajoelhado, muito trabalhado, vem juntar-se a sobriedade e o extraordinário paralelismo das coxas, traçadas de uma só vez, sem hesitação. Mas o ponto principal é o olhar do escultor, para mim, o elemento dominante da gravura: enquanto seu modelo descansa, penteando-se, ele prossegue sua obra criadora. Sentimos que continua estudando as formas do rosto, comparando mentalmente sua obra com a realidade. Tudo isso desenhado com um simples traço de ponta, por uma mão genial... É mais uma obra-prima!

Admirando, uma a uma, as pranchas dessa magnífica *Suite Vollard*, podemos imaginar sem dificuldade a emoção que provocou quando, tardiamente — em 1954 — foi exposta em Zurique, e, no ano seguinte, na Biblioteca Nacional de Paris. Pensou-se, na época, que essa *Suite* marcava o apogeu da arte gráfica de Picasso. E era verdade. Hoje sabemos, porém, que outras surpresas desse tipo ainda estavam por acontecer.



231  
Portrait de Vollard. II  
Água-tinta  
1937 — 34,8 x 24,7cm

## As Linoleogravuras (1958-1966)

Aos 4 de julho de 1958, explosão de uma obra-prima, *Le Buste de Femme, d'après Cranach le Jeune*, linoleogravura em seis cores.

Mas a utilização desse novo suporte, o linóleo, não significou para Picasso uma mudança de temas. O artista recorreu exatamente aos que já adotara em suas gravuras em cobre ou em pedra. Como sempre, os temas de suas pinturas, esculturas, gravações ou desenhos vão depender de suas preocupações, da mulher que está amando ou do assunto em pauta no momento da criação. Quando iniciou as linoleogravuras, Picasso estava apaixonado por Jacqueline e revivia a atmosfera das touradas; isso explica os retratos de Jacqueline em linoleogravura e as quase vinte cenas tauromáquicas que pertencem à primeira série de linoleogravuras de 1959. Todos os anos, Picasso assistia às touradas em Arles ou em Nîmes, já que decidira nunca mais voltar à Espanha. Por sua iniciativa, até em Vallauris eram realizadas touradas, embora sem a morte do touro. Jacqueline, que acabara de conhecer, era grande apreciadora dos espetáculos de tauromaquia; tanto assim que esse tema se repete com grande intensidade na obra do artista; em 1957, em *Tauromaquia*, e em 1959, em suas linoleogravuras. Mas, paralelamente, surgem outros temas bucólicos e, como não podia deixar de ser, a Mulher.

Em 17 de outubro de 1959, Picasso realiza, unicamente com traços, uma linoleogravura, o retrato de Jacqueline, em que a abundante cabeleira, que o artista não escurece, aparece presa por uma faixa amarrada acima da testa, salientando esta última. Em novembro do mesmo ano, cria três linoleogravuras, magníficas tanto do ponto de vista da realização como da composição, sobre o tema de mulheres numa cama despertadas pela luz da manhã. Em cada uma das três são utilizadas três cores. As duas primeiras mostram duas mulhe-



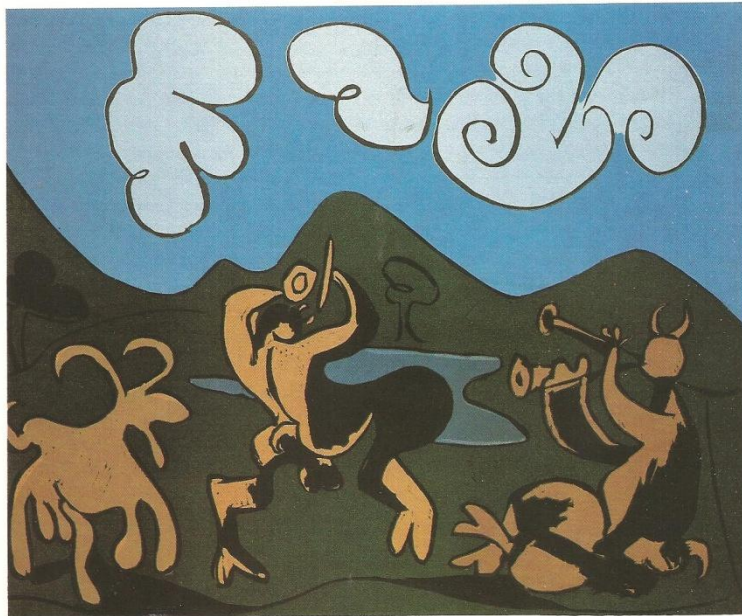


926 *Trois Femmes*  
Gravura sobre linóleo colorido  
1959 — 53,5 x 64,5 cm

res que se opõem: uma decide abrir a cortina para que a luz invada o quarto, enquanto a outra, recusando essa brutalidade, protege-se vivamente com o braço esquerdo, na primeira linoleogravura, ao mesmo tempo em que se apoia com o braço direito; na segunda linoleogravura, voltada de costas e deitada, está apoiada com os dois braços. Picasso trabalhou muito com a goiva a incidência da luz do dia sobre o corpo nu da mulher, recorrendo a um grafismo arborescente que tornaremos a encontrar, de maneira ainda mais acentuada, na *Bacchanale*, de 27 de novembro de 1959. A terceira linoleogravura mostra três mulheres nuas no quarto: uma, magnificamente delineada contra a luz, abre a cortina que esconde a janela ensolarada, as outras duas, ainda sonolentas, espreguiçam-se, bocejando, ao descerrar os olhos e já não mais se opõem uma à outra. Essa terceira composição constitui, juntamente com que se denomina *Les Banderilles*, também em três cores (bege, chocolate e preto), uma das obras-primas do artista no campo da linoleogravura.

Após a produção intensa de 1959 — mais de quarenta linoleogravuras —, Picasso só voltará a dedicar-se intensamente à essa técnica de gravação em 1962 — mais de cinquenta pranchas —, criando novas obras-primas como *Le Déjeuner sur l'Herbe* inspirado em Edouard Manet.

Interessou-se em seguida pela natureza morta, tema não muito frequente, pois só algumas de suas litografias e um número ainda menor de gravuras em cobre constituem verdadeiras naturezas mortas. Em 1962, criou seis linoleogravuras sobre o tema. A de tamanho maior (59,5 x 73 cm), *Nature Morte à la Pastèque* (16 de fevereiro de 1962), foi realizada sobre três placas de linóleo em oito cores, e dez estados: Todas têm um ponto comum: a natureza morta é noturna, iluminada por uma lâmpada elétrica. Quatro são no sentido



934  
Faunes et Chèvre  
1959 — 53 x 64cm

vertical. A mais importante: *La Nature Morte sous la Lampe*, no sentido horizontal, recebeu o mesmo nome que uma das outras quatro, pois ambas representam a mesma cena: é noite, a lâmpada elétrica de um abajur ilumina intensamente uma mesa sobre a qual repousam frutas e uma taça de vinho; os fundos negros e a rusticidade dos objetos representados permitem compará-las com os austeros quadros de natureza morta pintados por Picasso em Paris durante os terríveis anos da guerra franco-alemã, pois transmitem a mesma impressão trágica, que não pode ser esquecida pelos que conheceram essa época sombria de privações e penúria. No entanto, a abundância das frutas consegue combater esse sentimento, sem destruir, por isso, certa impressão de mistério noturno, elemento dos mais importantes quando se fala no interesse e na beleza dessas duas placas, insólitas dentro da obra gravada de Picasso. A gravura horizontal é a mais vigorosa, com seu vermelho flamejante e seu amarelo ouro, que combatem e mantêm afastadas as sombras da noite. Em linoleogravura, além de Jacqueline (retratos), Picasso recorreu apenas a dois outros modelos: o da prancha inédita *Le Portrait de Mademoiselle Angela Rosengart*, e Piero, um dos irmãos Crommelynck, que, desde 1963, imprimiam suas gravuras em cobre; depois de esboçar a carvão, em dois ou três minutos, o perfil do gravador, que acorrera ao seu chamado, Picasso despediu-o e atacou o linóleo com a goiva pontuda: nascia um dos mais belos retratos jamais criados pelo artista. Essa linoleogravura, de 21 de setembro de 1966, tão assombrosamente verdadeira, infelizmente nunca foi editada. Encerrava-se assim uma série magnífica de linoleogravuras, que tiraram para sempre essa técnica de sua quase insignificância e que constituem um dos monumentos da obra picassiana.

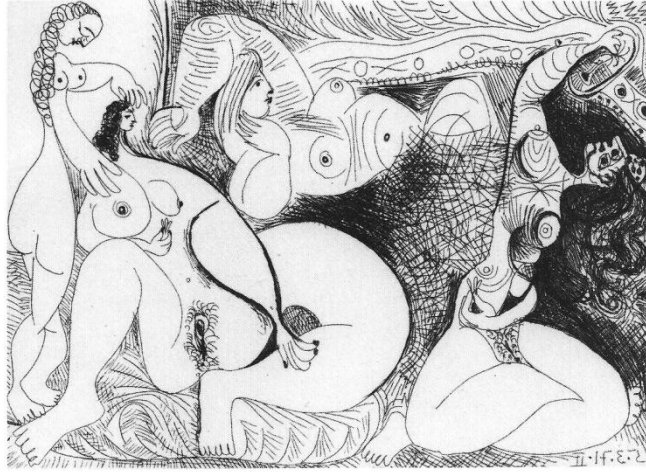
## *As 156 Últimas Gravuras (1970-1972)*

*As 156 gravuras...* Após tantas criações fabulosas, com um passado de mais de sessenta e cinco anos de obras gravadas, que somavam quase 1 900 peças, Picasso ainda iria descobrir novos processos e abrir outras portas; a firmeza, tanto de seu espírito como de sua mão, ainda iriam nos deixar perplexos!

Em 15 de janeiro de 1970, o artista ataca um cobre de dimensões bastante grandes (32 x 42 cm), trabalho considerável a ponta que exigiu nove estados: os quatro primeiros a água-forte, os dois seguintes a ponta-seca e gratador e os três últimos a gratador. Trata-se de um grande rosto masculino dominando uma mulher nua, deitada de lado, num ambiente escuro, diante de um aparelho de chá disposto sobre uma bandeja. É o ponto de partida de uma sucessão de gravuras, criadas durante cinco meses de trabalho praticamente diário, que representam mais de um terço da série das 156. Essa série será retomada e praticamente terminada durante o primeiro semestre de 1971.

E Picasso continuará a seduzir-nos, ainda mais por suas gravuras que por seus últimos quadros. Não resta dúvida de que se serviu da gravura, muito mais do que qualquer outra forma de expressão artística, para transmitir sua mensagem muito profunda; seus temas favoritos, suas reflexões e obsessões encontram-se, perseguem-se, debatem-se nessa série prodigiosa das 156. Pois, se é bem verdade que a qualidade plástica e gráfica que sempre o caracterizaram se manifestam tanto em suas pinturas como em seus desenhos, esculturas e cerâmicas, foi somente em suas gravuras que o artista introduziu a noção de mensagem, um pouco de enigma... Cada gravura importante dessa série



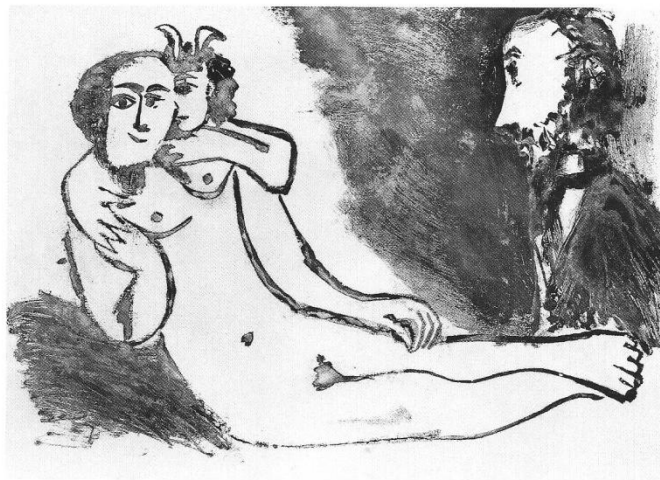


1923  
 Agua-forte  
 5/3/1971 II — 15×21cm



1924  
 Agua-forte  
 7/3/1971 I — 15×21cm



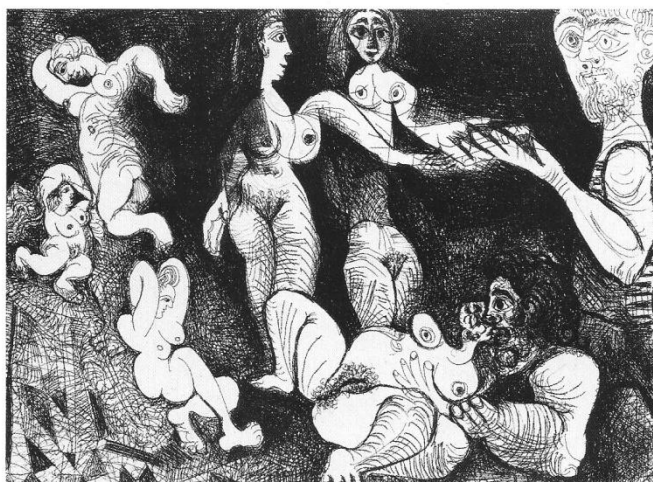


1969  
Água-tinta  
11/4/1971 — 37 x 50 cm

encerra mistérios e reminiscências que, baseados no conhecimento que temos de sua obra, conseguimos compreender e desvendar mais ou menos satisfatoriamente. Mas, como na gravura de Dürer, *La Mélancolie*, restará sempre uma parte misteriosa, tal a riqueza e a força dos sinais, dos símbolos e das referências do artista. Não porque Picasso tenha pretendido uma apresentação esotérica qualquer, pelo simples prazer de ser misterioso, mas por que sempre considerou a gravura como uma arte privilegiada à qual confiava de bom grado suas reflexões pessoais, seus pensamentos mais íntimos, suas mais caras lembranças.

E tudo isso se concentra, com maior intensidade talvez, nessa série das 156. Seu amigo, o poeta e escritor Michel Leiris escreveu, no início do prefácio de apresentação dos desenhos picassianos de 1966-1967: “Não fora do tempo, mas para um tempo em que nada chega a ser anacrônico, é para lá que se transporta aquele que observa essas folhas em que Picasso registrou e, às vezes justapôs, figuras de todos os estilos e de qualquer século — idade sem idade da mitologia, época dos antepassados saídos de suas molduras, dias de ontem e de hoje”.

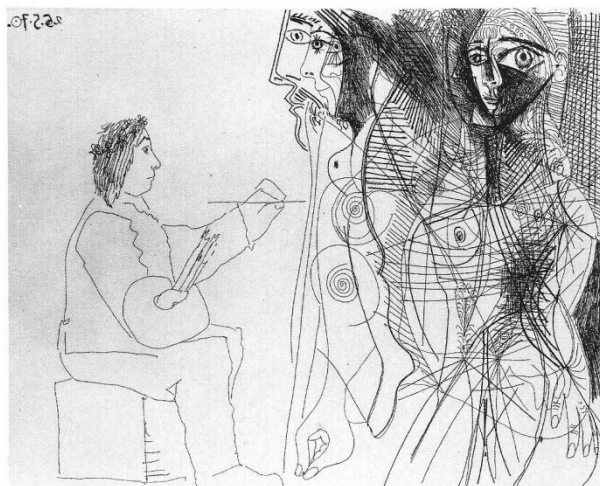
Cerca de setecentas personagens animam essa última série das 156 gravuras: são personagens que se movimentam alegremente ou permanecem rígidas, que se beijam ou se contorcem, espectadoras ou atores no palco, se entregam



1864  
Água forte, ponta seca e gratador  
31/1/1970 — 15 x 21 cm

aos folguedos do circo e aos do amor, desenham sobre um tema, visitam casas de tolerância ou mostram sua nudez, oferecem flores ou manejam o pincel do artista, fazem propostas ou as provocam, representam adivinhos ou pitonissas, pessoas importantes ou prostitutas, pintores ou modelos, freqüentam os banhos turcos ou os teatros, representam Celestinas ou matronas casadas, príncipes árabes de turbante ou noctâmbulos afortunados, palhaços ou amazonas do circo, tocadores de violão ou espadachins, Edgar Degas ou freqüentadores da Maison Tellier, as três Graças ou odaliscas, que freqüentam os haréns ou as arenas, as alcovas ou os gineceus, fantasiando-se de polichinelos ou vestindo fraque, que têm gestos eróticos ou sussurram ao ouvido, representam reis Herodes impotentes ou Salomé frenéticas, apresentam flores ou membros viris, oferecem um pássaro ou um sexo entreaberto, tocam a flauta de Pan ou dançam com entusiasmo... Um mundo em movimento, onde não há lugar para o tédio e cuja contemplação faz com que dele participemos com alegria e admiração.

A série das 156 *gravuras*, tão rica em belas peças, é uma prova de que a criatividade de Picasso nunca se esgotou. Nos últimos anos de sua vida, esse ardor foi ainda mais virulento e andava de mãos dadas com a excepcional energia física do artista, que, aliás, nunca o abandonou; e é graças a essa vitalidade incrível que hoje podemos admirá-lo sob seus múltiplos aspectos.



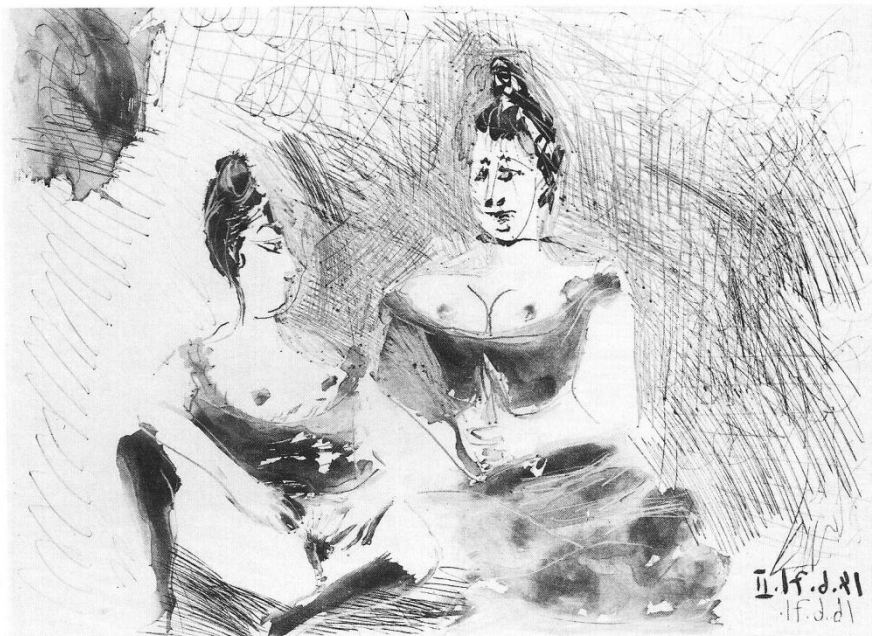
1912  
Água-forte  
25/5/1970 — 27,5 x 35,0cm

Foi num sábado, 25 de março de 1972, que Picasso terminou, com garantias, a última gravura dessa série fascinante das 156. Durante algum tempo, acreditou-se ter sido essa a última do artista. Graças a Piero Crommelynck, que me facultou o acesso a seus arquivos, pude constatar que Picasso nos reservava uma última surpresa: sua última gravura, grande composição que exigiu trabalhos incriveis a ponta, grataador e água-forte, denominada — se bem que o tema nada tenha a ver com o título —: *La Chute d'Icare*. Picasso gravou-a a pedido de Jean Leymarie e de seu amigo, o editor Skira, que editava na época um livro com o mesmo nome, por tratar-se da imensa tela que Picasso pintara para a Unesco em 1958. É uma gravura em treze estados magníficos, iniciada em março de 1972 e terminada em 4 de abril do mesmo ano. Foi a última vez que Picasso trabalhou em cobre. Com quase 91 anos, o gênio terminava sua obra triunfalmente, com essa série das 156 gravuras e com essa gravura admirável, cujos treze estados são verdadeiramente magníficos, como se, pela última vez, ele houvesse desejado conceder-nos a dádiva de seu gênio.

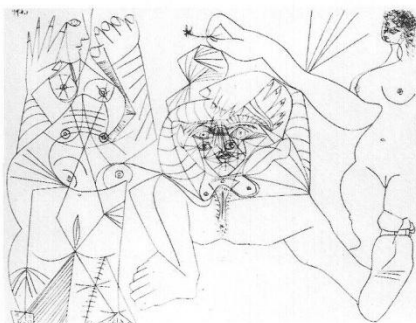
Um artista sem igual na história dos homens terminava assim, de maneira sublime, uma obra gravada de incomensurável riqueza, que nunca cessaremos de descobrir e admirar.

Roger PASSERON





2008  
Água-tinta, ponta-seca e grataador  
14/6/1971 II 16/6/1971 — 32 x 42cm



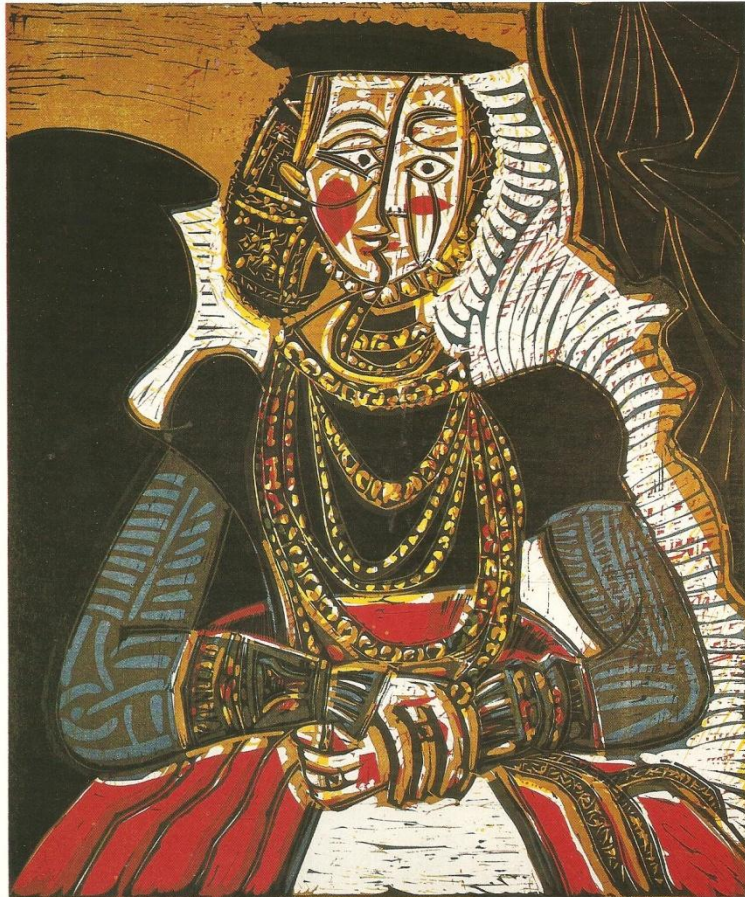
1992  
Ponta-seca  
1/6/1971 — 32 x 42cm



1993  
Água-forte  
1/6/1971 — 37 x 50cm

### Alguns dados biográficos

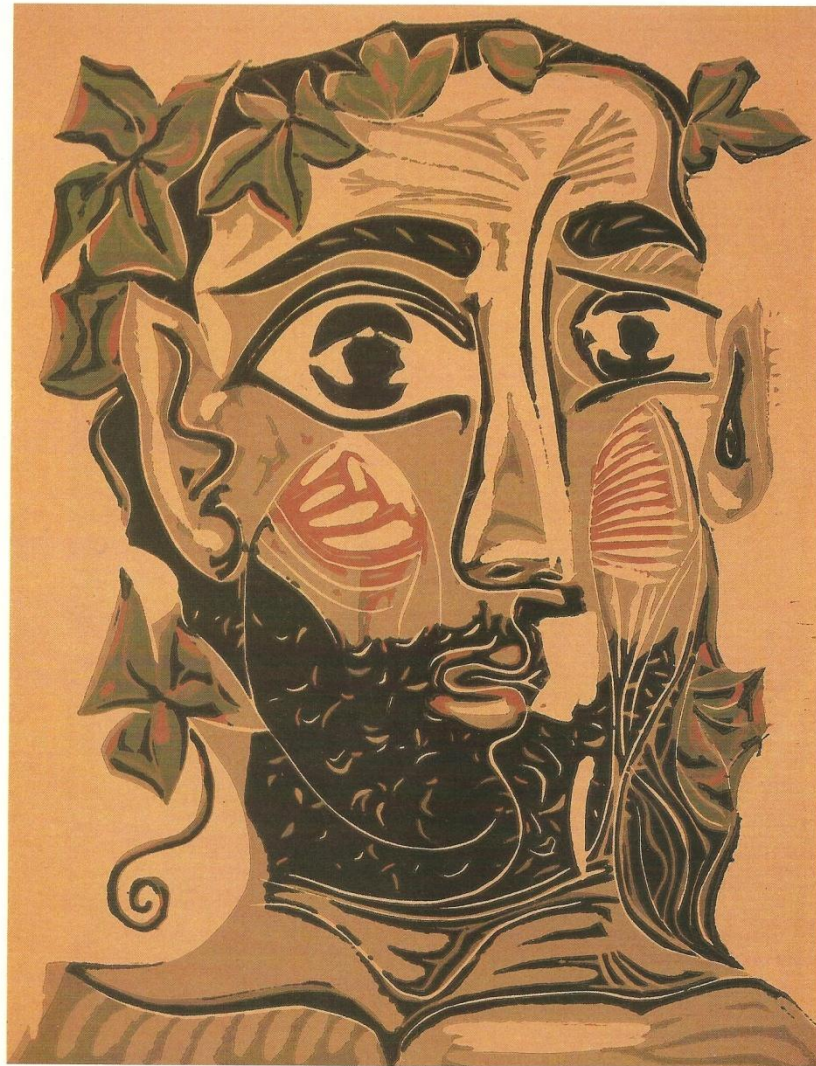
- 1881 *PABLO PICASSO* nasceu em Málaga.
- 1891 Começa a carreira de pintor, seus dons são tão incomuns e tamanha sua maestria que, segundo ele mesmo afirmou bem mais tarde, o pai lhe entrega seus pincéis e sua paleta e deixa de pintar.
- 1894 Ilustra pequenos jornais com desenhos e caricaturas, assina os trabalhos como "P. Ruiz".
- 1896/97 Obras mais importantes desse primeiro período são "*LA PRIMERA COMUNIÓN*" e "*CIENCIA Y CARIDADE*".
- 1900 Vai a Paris, visita a Exposição Universal, pinta "*LE MOULIN DE LA GALETTE*", primeiro quadro pintado por *PICASSO* na Capital Francesa  
A *FASE AZUL*: o seu estilo muda, em sua pintura predomina o monocromatismo azulado, representa pessoas pobres ou miseráveis.
- 1904 Se instala em Montmartre-Paris, no "Bateau Lavoir".
- 1904/05 Começa a *FASE ROSA*, predomina em seus quadros os tons rosados, a temática também muda, cenas de circos, arlequins, acrobatas, saltimbancos.
- 1906/07 Estuda a obra de *CÉZANNE*, o nu predomina na sua temática, faz algumas incursões no campo da escultura, realiza "*LES DEMOISELLES D'AVIGNON*", obra importante com a qual anuncia o advento do *CUBISMO*, e fica conhecendo *GEORGES BRAQUE*.
- 1909 Expõe na *GALERIA AMBROISE VOLLARD*.
- 1911/12 O *CUBISMO* atinge repercussão internacional, nos quadros aparecem letras de imprensa e colagem.
- 1916 É lançado o movimento *DADA*. Picasso pinta os cenários e as roupas dos *BALÉS RUSSOS*, de *DIAGHILEV*  
*SURREALISMO e ESCULTURA*: em 1924 *PICASSO* trava relações com o movimento Surrealista a qual não adere.
- 1925 inicia um novo gênero de abstração aproveitando as descobertas da fase cubista
- 1936 *GUERNICA*. Eclode a Guerra Civil Espanhola. *PICASSO* apóia a República e é nomeado Diretor do Museu do Prado. No ano seguinte, ele realiza as *ÁGUAS-FORTES* de *SONHO E MENTIRA*.
- 1939 O Museu de Arte Moderna de New York faz uma retrospectiva sobre os quarenta anos de *PICASSO* com 364 obras entre pinturas, esculturas, aquarelas, desenhos e gravuras. Se interessa pela litografia, começa com a cerâmica.
- 1949 Aragon escolhe a famosa litografia da pomba de *PICASSO* para simbolizar o Congresso da Paz.
- 1951 Pinta as obras sobre a Coreia, critica a participação americana na guerra, exhibe pinturas e esculturas em New York, realiza as litografias inspiradas em Balzac.
- 1953 É realizada uma grande retrospectiva de sua obra no Museu de Arte de São Paulo por ocasião das festividades do IV centenário da cidade.
- 1954 Morte de Henri Matisse.
- 1955 Grande retrospectiva de *PICASSO* em Paris.
- 1956 Protesta junto com outros intelectuais contra a intervenção soviética na Hungria.
- 1963 Inauguração do Museu *PICASSO*, em Barcelona.
- 1968 Cria 348 gravuras com o tema do circo.
- 1971 Grande retrospectiva no Museu do Louvre em homenagem aos seus noventa anos.
- 1973 Exibição das últimas gravuras de *PICASSO* na Galeria Louise Leiris. Morte de *PICASSO* em 8 de Abril.



859  
Buste de Femme d'après Cranach le Jeune  
Gravura sobre linoleum colorido  
1958 — 65,0 x 53,5cm



1089  
Homme barbu couronné de Feuillage  
Gravura sobre linoleum colorido  
1962 — 35 x 27cm



910  
**Après la Pique**  
Gravura sobre linoleum colorido  
1959 — 53,5 × 64,0cm





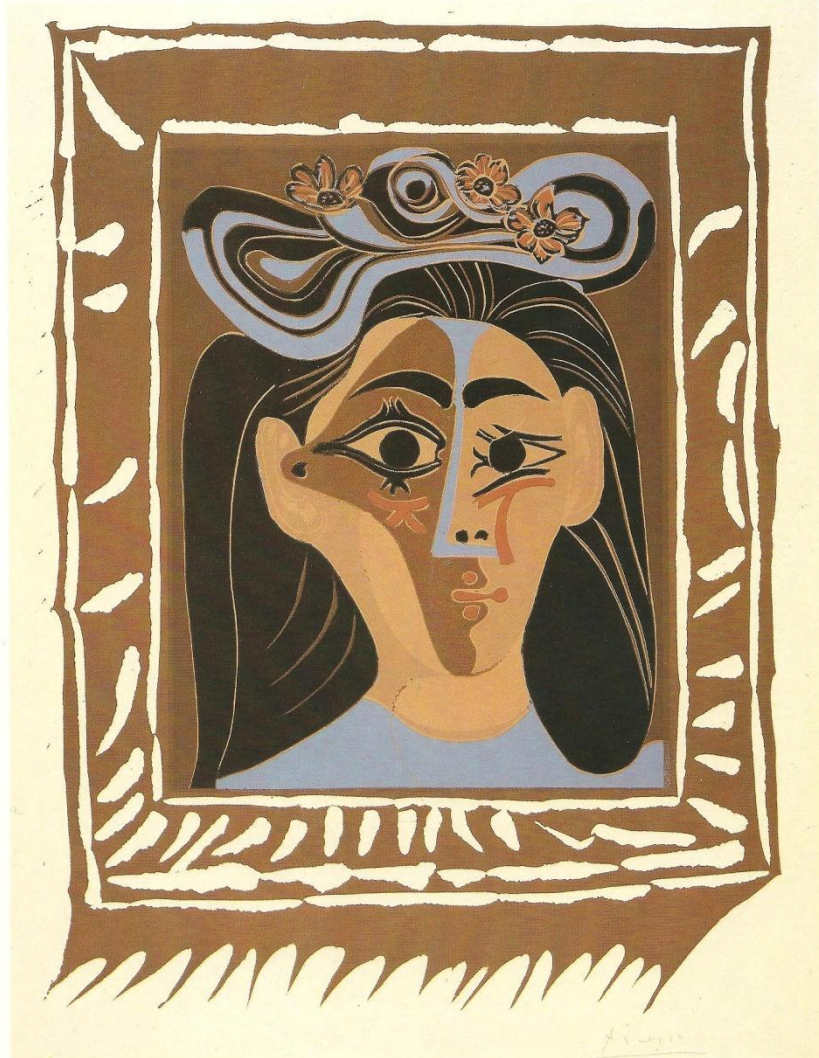


1101  
Nature morte sous la Lampe  
Gravura sobre linoleum colorido  
1962 — 53 x 64cm

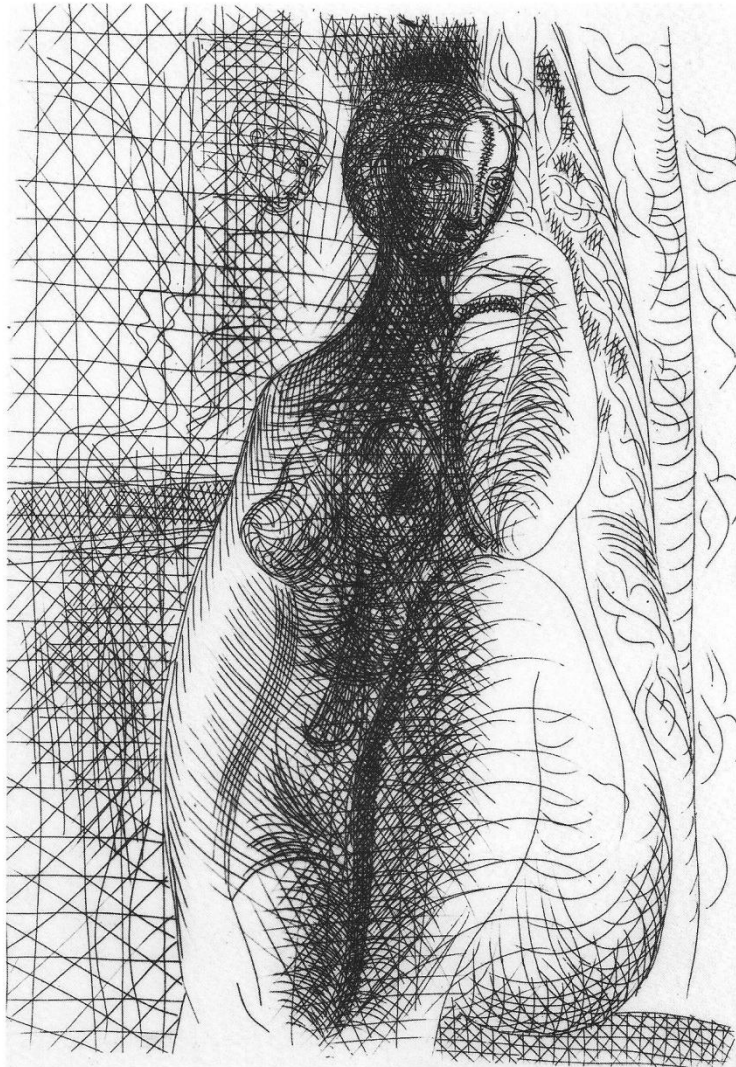


1074  
Femme au Chapeau  
Gravura sobre linoleum colorido  
1962 — 35 x 27cm





1149 Le Chapeau à Fleurs  
Gravura sobre linoleum colorido  
1963 — 53 x 40cm



141  
Femme nue à la Jambe pliée  
Aqua-forte  
9/7/1931 — 31,2 x 22,1cm

Não é de estranhar que a Câmara de Comércio Francesa traga ao Rio de Janeiro esta exposição. Cidade eleita para ser a sede da França Austral, que abrigou a Missão de 1816 e deixou-se embelezar por Grandjean de Montigny, Glaziou e Agache, o Rio não podia ficar à margem do roteiro desta mostra, em sua passagem pelo Brasil. E, na ambiência do Paço, a antiga Casa dos Governadores, o traço que inaugurou a modernidade se apresenta aos cariocas em um contraste que demonstra, cabalmente, que as boas obras de arte não dependem de sua datação. Nem de sua origem geográfica.

A importância de Picasso, cuja obra é um patrimônio cultural da civilização, dispensa considerações óbvias. O que nos coube foi cercá-lo de brasilidade e de outras atividades artísticas, dentro da filosofia de que o Paço Imperial passou a ser, de fato, um centro cultural de atividades múltiplas, um espaço aberto à criatividade, à invenção e ao debate.

Assim, a cada sete dias das seis semanas em que abrigaremos a exposição *Picasso: Suite Vol-lard, As Linoleogravuras, as 156 Últimas Gravuras*, pintores, escultores, críticos de arte, caricaturistas, músicos, profissionais de teatro e estudantes estarão debruçados sobre a obra do maior artista do século e sobre a vida desse homem que nunca se calou diante da violência, da guerra, da ditadura.

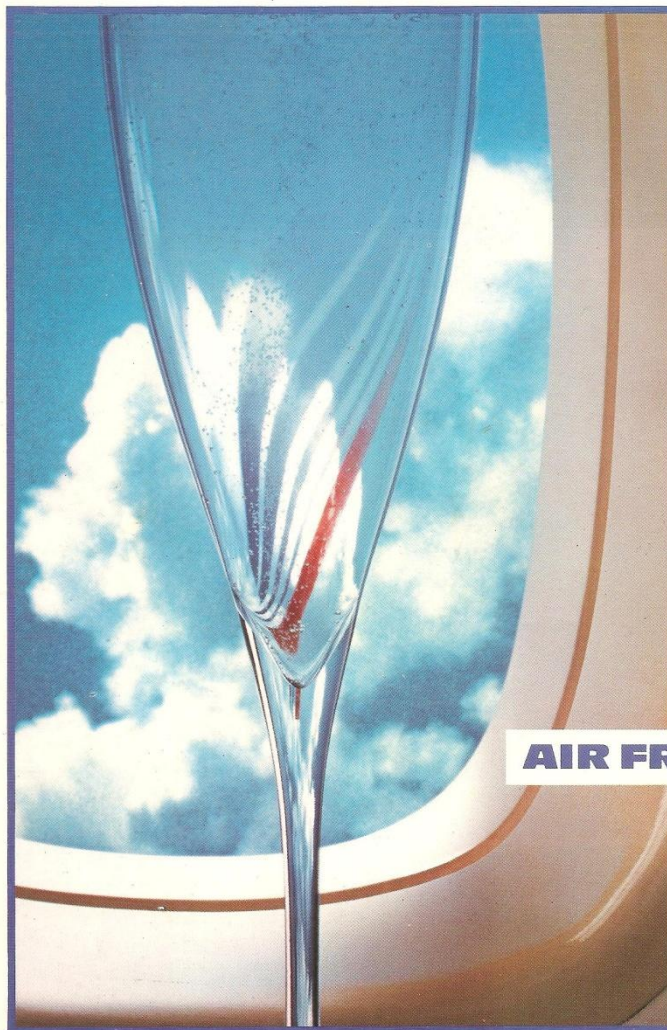
Mostrar Picasso é uma responsabilidade. O pai do artista, também pintor, ao ver a primeira tela do filho, então com nove anos, entendeu que, diante de tanta genialidade, nada mais tinha a fazer, e abandonou a paleta. A Fundação Nacional Pró-Memória, ao contrário, considera esta exibição um estímulo ao nível de seus eventos. Tem orgulho em mostrar o artista em sua força absoluta e em seu apuro técnico, nos temas que sempre lhe foram caros: o circo e seus acrobatas, os touros e os picadeiros, as figuras da Mitologia e, como sempre, as mulheres.

Joaquim de Arruda Falcão Neto  
Presidente da Fundação Nacional Pró-Memória



# O ESTILO AIR FRANCE.

## OU OS DEZ MANDAMENTOS DA FELICIDADE.



- Amarás a teu passageiro acima de todas as coisas.
- Servirás a ele nunca menos do que as divinas especialidades da cozinha francesa.
- Guardarás o conforto do passageiro em todos os dias da semana e falarás sempre com ele em seu próprio idioma.
- Farás jorrar no copo dele o mais delicioso e borbulhante champagne francês, os mais finos vinhos, os mais perfumados licores.
- Honrarás os privilégios do teu passageiro: balcões exclusivos, sala VIP, terminal exclusivo (CDG-2) no Aeroporto Charles de Gaulle.
- Não exhibirás nenhum filme que não seja da melhor qualidade.
- Não te furtarás em satisfazer o teu passageiro na escolha de sua poltrona.
- Oferecerás sempre as conexões mais perfeitas e mais variadas.
- Não pecarás contra as mínimas leis da sofisticação e do bom gosto.
- Nada desejarás além do prazer de cada passageiro com o luxo, conforto e requinte do estilo Air France.

BON VOYAGE!

**AIR FRANCE** 

**P** AIR FRANCE  
**Première** 

**Le club** 

**E** AIR FRANCE  
**conomique** 

#### O autor

Salomão Rovedo (1942), de formação cultural em São Luis (MA), mora no Rio de Janeiro. Escritor que participou de movimentos culturais nos anos 60/70/80.

Textos publicados: Abertura Poética (Ant.), Walmir Ayala/César de Araújo; Tributo (Poesia)-Ed. do A; 12 Poetas Alternativos (Ant.), Leila Míccolis /Tanussi Cardoso; Chuva Fina (Ant.), Leila Míccolis/Tanussi Cardoso; Folgedos (Poesia/Folclore), c/Xilos de Marcelo Soares-Ed.dos AA; Erótica (Poesia), c/Xilos de Marcelo Soares-Ed. dos AA; Sete Canções (Poesia)-Ed. do A..

e-books: Porca elegia (poesia), 7 canções (poesia), Ilha (romance), A apaixonada de Beethoven (contos), Sentimental (poesia), Amaricanto (poesia), Arte de criar periquitos (contos), bluesia (poesia), Mel (poesia), Meu caderno de Sylvia Plath, (fotos & rascunhos), O sonhador (contos), Sonja Sonrisal (contos), Cervantes& Quixote (artigos), Gardênia (romance), Espelho de Venus (poesia), 4 Quartetos para a amada cidade de São Luis (poesia), 6 Rocks Matutos (poesia), Amor a São Luis e ódio (poesia), Stefan Zweig (pensamentos&perfis), Viagem em torno de Dom Quixote (notas de leitura), 3 x Gullar (ficção), Sonetos de Abgar Renault (antologia), Suíte Picasso (poesia).

Outras: Autor de folhetos de cordel com o pseudo de Sá de João Pessoa; Editor do jornalzinho Poe/r/ta; Colaborador eventual em: Poema Convidado (USA), La Bicicleta (Chile), Poetica (Uruguai), Alén (Espanha), O Imparcial (MA), Jornal do Dia (MA), Jornal do Povo (MA), Jornal Pequeno (MA), A Toca do (Meu) Poeta (PB), Jornal de Debates (RJ), Opinião (RJ), O Galo (RN), Jornal do País (RJ), DO Leitura (SP), Diário de Corumbá (MS), etc.

e-books: <http://www.dominiopublico.gov.br> e outros sites.

e-mail: [rovedod10@gmail.com](mailto:rovedod10@gmail.com)

e-mail: [rovedod10@hotmail.com](mailto:rovedod10@hotmail.com)



Foto: Priscila Rovedo

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição:

Compartilhamento pela mesma licença 2.5 Brazil. Para ver uma cópia desta licença, visite

<http://creativecommons.org/licenses/by-sa/2.5/br/> ou envie uma carta para Creative Commons, 559 Nathan Abbott Way, Stanford, California 94305, USA.

Obs: Após a morte do autor os direitos autorais devem retornar para seus herdeiros naturais.